



Gerson F. de Arruda Júnior  
José Marcos G. de Luna

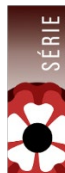
# FILOSOFIA em QUESTÕES

Enade 2021 de Filosofia

Soluções e Comentários das Questões  
Específicas do Bacharelado em Filosofia



**FILOSOFIA EM QUESTÃO**  
**(ENADE FILOSOFIA – 2021)**



# Processos Formativos

## DIRETORES DA SÉRIE

**Prof. Dr. Ana Paula Leivar Brancaleoni**  
(Unesp/FCAV)

**Prof. Dr. Jackson Gois**  
(Unesp/IBILCE)

**Prof. Dr. Humberto Perinelli Neto**  
(Unesp/IBILCE)

**Prof. Dr. Ricardo Scucuglia**  
(Unesp/IBILCE)

## COMITÊ EDITORIAL CIENTÍFICO

**Prof. Dr. Adriano Vargas Freitas**  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

**Prof. Dra. Ilane Ferreira Cavalcante**  
Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

**Prof. Dr. Alejandro Pimenta Betancur**  
Universidad de Antioquia (Colômbia)

**Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

**Alexandre Maia do Bomfim**  
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

**Prof. Dr. José Eustáquio Romão**  
Universidade Nove de Julho e Instituto Paulo Freire (Uninove e IPF)

**Prof. Dr. Alexandre Pacheco**  
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

**Prof. Dr. José Messildo Viana Nunes**  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

**Prof. Dra. Ana Cláudia Ribeiro de Souza**  
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

**Prof. Dr. José Sávio Bicho de Oliveira**  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

**Prof.ª Dr.ª Ana Clédina Rodrigues Gomes**  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

**Prof. Dr. Klinger Teodoro Ciriaco**  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

**Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Braz Dias**  
Central Michigan University (CMU/EUA)

**Prof.ª Dr.ª Lucélia Tavares Guimarães**  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

**Prof.ª Dr.ª Ana Maria de Andrade Caldeira**  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

**Prof. Dr. Marcelo de Carvalho Borba**  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

**Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica**  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

**Prof.ª Dr.ª Márcia Regina da Silva**  
Universidade de São Paulo (USP)

**Prof. Dr. Armando Traldi Júnior**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)

**Prof.ª Dr.ª Maria Altina Silva Ramos**  
Universidade do Minho, Portugal

**Prof. Dr. Daniel Fernando Johnson Mardones**  
Universidad de Chile (UCHile)

**Prof.ª Dr.ª Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida**  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

**Prof.ª Dr.ª Deise Aparecida Peralta**  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

**Prof.ª Dr.ª Olga Maria Pombo Martins**  
Universidade de Lisboa (Portugal)

**Prof. Dr. Eder Pires de Camargo**  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

**Prof. Dr. Paulo Gabriel Franco dos Santos**  
Universidade de Brasília (UnB)

**Prof. Dr. Elenilton Vieira Godoy**  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

**Prof. Dr. Ricardo Cantoral**  
Centro de Investigación e Estudios Avanzados del Instituto Politécnico Nacional (Cinvestav, México)

**Prof. Dr. Elison Paim**  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**Prof. Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani**  
Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

**Prof. Dr. Fernando Seffner**  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Prof. Dr. Sidinei Cruz Sobrinho**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense (IFSUL/Passo Fundo)

**Prof. Dr. George Gadanidis**  
Western University, Canadá

**Prof. Dr. Vlademir Marim**  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

**Prof. Dr. Gilson Bispo de Jesus**  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

**Prof. Dr. Wagner Barbosa de Lima Palanch**  
Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL)

# **FILOSOFIA EM QUESTÃO (ENADE FILOSOFIA – 2021)**

SOLUÇÕES E COMENTÁRIOS DAS QUESTÕES  
ESPECÍFICAS DO BACHARELADO EM FILOSOFIA

**Gerson F. de Arruda Júnior**  
**José Marcos G. de Luna**



**Diagramação:** Marcelo Alves

**Capa:** Gabrielle do Carmo



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4.0 Internacional [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

A779f

Arruda Júnior, Gerson F. de

Filosofia em questão (Enade Filosofia – 2021): soluções e comentários das questões específicas do bacharelado em filosofia [recurso eletrônico] / Gerson F. de Arruda Júnior e José Marcos G. de Luna. – Cachoeirinha : Fi, 2024.

137p.

ISBN 978-65-5272-023-8

DOI 10.22350/9786552720238

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Filosofia – Enade – 2021. I. Luna, José Marcos G. de.  
II. Título.

CDU 14(079)“2021”

## **AGRADECIMENTO**



Esta obra foi publicada com recursos oriundos do Programa de Apoio a Publicações Acadêmicas Nacionais e Internacionais da Universidade do Estado do Amapá – UEAP.



# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	<b>9</b>
<i>Gerson Júnior</i>	
<i>José Marcos</i>	
<b>Questão 09</b>	<b>11</b>
<b>Questão 10</b>	<b>17</b>
<b>Questão 11</b>	<b>21</b>
<b>Questão 12</b>	<b>25</b>
<b>Questão 13</b>	<b>31</b>
<b>Questão 14</b>	<b>35</b>
<b>Questão 15</b>	<b>39</b>
<b>Questão 16</b>	<b>43</b>
<b>Questão 17</b>	<b>47</b>
<b>Questão 18</b>	<b>51</b>
<b>Questão 19</b>	<b>55</b>
<b>Questão 20</b>	<b>59</b>
<b>Questão 21</b>	<b>63</b>
<b>Questão 22</b>	<b>67</b>
<b>Questão 23</b>	<b>71</b>
<b>Questão 24</b>	<b>77</b>
<b>Questão 25</b>	<b>81</b>
<b>Questão 26</b>	<b>87</b>
<b>Questão 27</b>	<b>91</b>

<b>Questão 28</b>	<b>95</b>
<b>Questão 29</b>	<b>101</b>
<b>Questão 30</b>	<b>105</b>
<b>Questão 31</b>	<b>109</b>
<b>Questão 32</b>	<b>113</b>
<b>Questão 33</b>	<b>117</b>
<b>Questão 34</b>	<b>121</b>
<b>Questão 35</b>	<b>125</b>
<b>Referências</b>	<b>129</b>
<b>Informações sobre os autores</b>	<b>133</b>
<b>Índice Remissivo</b>	<b>135</b>

## APRESENTAÇÃO

Gerson Júnior

José Marcos

O presente texto é mais um volume do nosso *Filosofia em Questão*, um recurso didático para auxiliar professores e alunos na preparação para o Enade de Filosofia. Nesta ocasião, as 27 questões aqui comentadas dizem respeito à prova do Enade do ano de 2021 (o ano do Enade de Filosofia era 2020, mas, devido à pandemia do COVID-19, a prova foi aplicada em 2021).

Os leitores que estão familiarizados com os volumes anteriores do *Filosofia em Questão* não demorarão muito para perceber que as questões da prova estão dentro dos três tradicionais modelos-padrão de questões “tipo Enade”.

Como prometido, neste volume continuamos com a novidade trazida no volume anterior: de colocar, no final de cada resposta comentada, a seção “ampliando a reflexão”, mencionando questões de outros volumes do *Filosofia em Questão* que tratam do mesmo assunto (indicando, inclusive, o link de acesso a tais questões), e também, quando possível, ressaltamos algum excerto de texto referente à temática abordada na questão.

Com relação à distribuição das questões por temas, autores, áreas ou períodos da história da filosofia, o Enade 2021 também se mostrou um tanto que desproporcional. Aliás, isso não é nenhuma novidade, uma vez que essa desproporcionalidade se repete nas versões anteriores do Enade. No presente volume, por exemplo, as questões estão distribuídas em, basicamente, 11 áreas ou campos da filosofia. Eis o quadro:

- epistemologia: 07 questões;
- ética: 04 questões;
- metafísica: 03 questões;
- estética: 04 questões;
- lógica: 02 questões;
- filosofia da história: 02 questões;
- filosofia brasileira: 01 questão;
- filosofia africana: 01 questão;
- filosofia indígena: 01 questão;
- filosofia política: 01 questão;
- filosofia da religião: 01 questão.

Quando consideramos a divisão pelos períodos da história da filosofia – excluindo, claro, as questões de lógica –, encontramos a seguinte distribuição das questões:

- filosofia antiga: 04 questões;
- filosofia medieval: 02 questões;
- filosofia moderna: 06 questões;
- filosofia contemporânea: 13 questões.

A partir desses dados, podemos inferir que, nas questões do Enade de Filosofia do ano de 2021, predominou assuntos relacionados à epistemologia e à filosofia contemporânea. Isso, obviamente, pode não ser tão grave assim, uma vez que, rigorosamente falando, nenhuma pressuposto técnico ou pedagógico foi descumprido; mas pelo menos revelou um certo privilégio dados pela comissão que elaborou a prova a determinados campos e áreas da filosofia.

Contudo, independentemente disso, desejamos aos nossos leitores uma leitura agradável, proveitosa e enriquecedora.

## QUESTÃO 09

### TEXTO I

Entre meus pensamentos, alguns são como as imagens das coisas, e só àqueles convém propriamente o nome de ideias: como no momento em que eu represento um homem ou uma quimera, ou o céu, ou um anjo, ou mesmo Deus. Ora, destas ideias, umas me parecem ter nascido comigo, outras, ser estranhas e vir de fora, e as outras, ser feitas e inventadas por mim mesmo.

DESCARTES, R. **Descartes**: Obras Escolhidas. Terceira Meditação. Trad. de J. Guinsburg *et al.* São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 153-154 (adaptado).

### TEXTO II

Todas as ideias derivam da sensação ou reflexão. Suponhamos, pois, que a mente é um papel branco, desprovido de todos os caracteres, sem quaisquer ideias; como ela será suprida? De onde lhe provém este vasto estoque, que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra, da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento.

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 27 (adaptado).

Considerando os pressupostos do racionalismo e do empirismo acerca dos fundamentos do conhecimento, avalie as afirmações a seguir.

- I. Para Locke, a origem da ideia de quimera, por ser uma ideia da sensação, seria a experiência sensível.
- II. Descartes classifica as ideias quanto à sua origem em três tipos: ideias inatas, ideias adventícias e ideias fictícias.
- III. Para Descartes, a origem da ideia de quimera, por ser uma ideia fictícia, é a própria mente do sujeito.
- IV. Locke critica o inatismo, pois para ele os homens nascem desprovidos de ideias e precisam da experiência sensível para obtê-las no decurso da vida.
- V. Para Locke, tudo o que não tem origem nos sentidos, por não remeter ao mundo exterior, não pode nos fornecer nenhum conhecimento deste mundo.

É correto apenas o que se afirma em

- a) I e IV.
- b) I e V.
- c) II, III e IV.
- d) I, II, III e V.
- e) **II, III, IV e V.**

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta para esta questão é a opção (e), haja vista que as proposições II, III, IV e V são verdadeiras. Para compreender isso melhor, primeiramente, recorde-se as posições de Descartes no tocante à proveniência das ideias. Segundo ele, é possível, sim, classificá-las como ideias inatas, ideias adventícias e ideias fictícias. Assim, como se pode perceber no texto I, citado acima, Descartes distingue aquelas ideias que já nascemos com elas, daquelas que são obtidas a partir de fora; e, diferentes desses dois tipos, as que são fabricadas pela própria mente. De fato, insiste Descartes: “eu tenha a faculdade de conceber o que é aquilo que geralmente*

se chama uma coisa ou uma verdade, ou um pensamento, parece-me que não o obtenho em outra parte senão em minha própria natureza; mas se ouço agora um ruído ou vejo o sol, se sinto calor, até o presente julguei que estes sentimentos procediam de algumas coisas que existem fora de mim; e enfim parece que as sereias e os hipogrifos e todas as outras quimeras semelhantes são ficções e invenções do meu espírito”(DESCARTES, R. **Descartes**: Obras Escolhidas. Terceira Meditação. Trad. de J. Guinsburg et al. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 154). Indubitavelmente, a compreensão da natureza de cada um dos tipos de ideias permite perceber a veracidade das proposições II e III apresentadas acima no bojo da questão, salientado porque, para Descartes, é cabível afirmar tanto a classificação de inatas, adventícias e fictícias, dada a elas, quanto a afirmação de que a ideia de uma quimera é um produto ficcional da mente humana.

Aliadas a estas considerações, considere-se também os argumentos de John Locke para fundamentar seu desinteresse pela metafísica e sua arraigada defesa do empirismo epistemológico. De acordo com ele, nossas ideias provêm de duas fontes, a saber, a sensação e a operação da própria mente. Diz ele: “O objeto da sensação é uma fonte das ideias. Primeiro nossos sentidos, familiarizados com os objetos sensíveis particulares, levam para a mente várias e distintas percepções das coisas, segundo os vários meios pelos quais aqueles objetos os impressionaram. (...) As operações das nossas mentes consistem na outra fonte de ideias. Segundo, a outra fonte pela qual a experiência supre o entendimento com ideias é a percepção das operações de nossa própria mente, que se ocupa das ideias que já lhe pertencem. (LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Trad. de Anoar Aiex e E. Jacy Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1991, p. 159-160 (Os pensadores)).

Por conseguinte, com base em pressupostos lockeanos, podemos perceber, por um lado, que a proposição I, no bojo da questão acima, é falsa,

a origem da ideia de quimera não é experiência sensível, mas, sim, a operação da mente. O que é fornecido pela experiência sensível são ideias básicas de coisas existentes e, de fato, experimentadas pelo sujeito que, em sua mente, forja a ideia de uma quimera como, por exemplo, um cavalo voador. E, por outro lado, evidencia-se também que as proposições IV e V são verdadeiras. De fato, Locke critica o inatismo; para ele, as mentes humanas são como tábulas rasas quando nascem, não trazem nenhuma ideia; elas precisam obter suas ideias pela experiência sensível. Assim, aquilo que não se origina nos sentidos não informa nada sobre o mundo, mesmo que seja uma mistura fictícia de ideias tiradas das coisas sensíveis.

Por conseguinte:

- as opções (a), (b) e (d) são incorretas por incluírem a proposição I no rol do que é correto afirmar, mas, como vimos, a proposição I é falsa; e
- a opção (c) também é incorreta, mas por incompletude. Ela considera correto somente o que se afirma nas proposições II, III e IV, mas, como vimos, a proposição V também é verdadeira. O correto mesmo seria incluí-la.

\* \_ \* \_ \*

## AMPLIANDO A REFLEXÃO

Confira os seguintes textos:

- a resposta à questão 25, sobre o cogito em Descartes, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão**: o Enade 2011 de Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206\\_357818c8e4664699938b09662177ffd7.pdf](https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_357818c8e4664699938b09662177ffd7.pdf)

- a resposta à questão 26, sobre a tabula rasa em Locke, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão**: o Enade 2005 de Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf)



## QUESTÃO 10

Recentemente, a ciência vem se esforçando por tornar “artificial” a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza. Esse homem futuro, que segundo os cientistas será produzido em menos de um século, parece motivado por uma rebelião contra a existência humana, tal como nos foi dada – um dom gratuito vindo do nada (secularmente falando), que ele deseja trocar, por assim dizer, por algo produzido por ele mesmo. Não há razão para duvidar de que sejamos capazes de realizar essa troca, assim como não há motivo para duvidar de nossa atual capacidade de destruir toda a vida orgânica da Terra.

ARENDR, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 10 (adaptado).

Considerando o trecho apresentado e a partir da compreensão de Hannah Arendt a respeito do desenvolvimento da ciência, avalie as afirmações a seguir.

- I. A situação criada pelas ciências tem grande significado político.
- II. O homem futuro será produto também dos feitos da ciência.
- III. A humanidade deseja permanecer para sempre presa à Terra.

É correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.**
- d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

\* \_\* \_\* \_\*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta para esta questão é a opção (c), pois, de fato, dentre as proposições apresentadas acima, só é correto o que se afirma em I e II: toda a realidade construída pela ciência moderna tem grande significado político, e o homem do futuro (desde já) será cada vez mais um produto da ciência. Para justificar isso, por exemplo, recorde-se algumas das posições de Hannah Arendt em “A condição Humana”. Nessa grande obra, ela contesta certas ideologias que tentam reduzir o homem a mero objeto, tal como fazem o materialismo histórico, o cientificismo e os totalitarismos. Contra a devastadora investida dessas ideologias, Arendt propõe que o ser humano seja pensado a partir de uma vida ativa, que consiste em três atividades fundamentais: a atividade trabalhadora, o operar e o agir.*

*A atividade trabalhadora atende ao nível biológico, garantido a sobrevivência do indivíduo e também da espécie. O operar é práxis, ação transformadora, ação produtora de uma realidade que vai além do nível vital e produz um “mundo artificial de coisas”. E a ação é a única atividade que põe o homem em relação direta com outros homens, sem a mediação das coisas. Neste nível, são sempre os indivíduos que agem, mas a ação é interação, é estar entre os homens, é atividade política por excelência.*

*A ação insere o indivíduo na esfera pública onde os interesses e gostos particulares devem ser confrontados com a totalidade do público, isto é, com a coletividade. Todo o movimento da realização humana, da sua luta pela sobrevivência à construção da sociedade, revela sua dignidade e capacidade ímpares; aponta para o fato de que o homem não é um objeto como qualquer*

outro do mundo físico. O homem é um ser que constrói a sociedade, produz verdade e define valores no domínio público.

Por conseguinte:

- a opção (a) é incorreta, pois ela só admite a verdade da proposição I, quando também é correto o que se afirma na proposição II;
- a opção (b) e (e) são incorretas, pois elas admitem, erroneamente, a verdade de III, uma vez que a humanidade não deseja permanecer para sempre preso à terra, ela é caracterizada pela atividade do agir; e
- a opção (c) é incorreta porque, além dela admitir erroneamente a verdade de III, ela só reconhece a verdade de II, quando, pelo que vimos, também é correto o que se afirma na proposição I.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Confira o seguinte texto:

- a resposta à questão 35, sobre educação e atividade política em Hannah Arendt, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão: o Enade 2017 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2023.

**Link de acesso:**

<https://www.editorafi.org/ebook/a048-filosofia-questao>



## QUESTÃO 11

Quando lançamos um olhar na história do mundo, vemos um enorme quadro de transformações e atuações, uma infinidade de povos, estados e indivíduos diversificados, em contínua sucessão. Que viajante não se emocionou com as ruínas de Cartago, Palmira, Persépolis ou Roma, entristecendo-se no pensamento por uma vida florescente e cheia de energia agora encerrada? Mas, passamos a outro pensamento, ao fato positivo de que a ruína também é, ao mesmo tempo, o surgimento de uma vida nova, de que da vida surge a morte, e da morte, a vida. Este é um grande pensamento que os orientais compreenderam plenamente e que é o mais elevado pensamento de sua metafísica. Em sua imagem talvez mais conhecida, a Fênix está relacionada a toda a vida natural, eternamente preparando a sua pira e se consumindo de maneira a que, de suas cinzas, surja sempre a vida nova e rejuvenescida. A própria essência do espírito é a ação. Ele se torna o que essencialmente é – o seu produto, o seu próprio trabalho. Assim, ele se torna o objeto de si mesmo, vê-se como uma existência exterior e, da mesma forma, o espírito de um povo: é um espírito de características muito bem definidas, que se constrói em um mundo objetivo. Este mundo existe e permanece em sua religião, seu culto, seus costumes, sua constituição e suas leis políticas, em toda a esfera de suas instituições, seus acontecimentos e seus feitos. Este é o seu trabalho.

HEGEL, G.W.F. **A razão na história:** uma introdução geral à filosofia da história. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001. p. 124-126 (adaptado).

Para Hegel, a história é um progresso que resulta de um desenvolvimento

- a) natural, próprio à evolução dos tempos.
- b) humano, marcado pelo desdobramento do espírito.**
- c) individual, resultado da ação do grande homem.
- d) trágico, marcado pelo sofrimento desnecessário.
- e) cósmico, em direção ao encontro de realidades supraterrâneas.

\*\_\*\_\*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta desta questão é a opção (b), haja vista que, para Hegel, a história é um progresso que resulta do desenvolvimento do humano, que por sua vez está ligado ao movimento do espírito que se externaliza e que, num movimento dialético, se diferencia e, depois, volta a si enriquecido.*

*Realmente, sendo o Estado, no entender de Hegel, a razão que faz ingresso no mundo, a história surge exatamente da dialética dos Estados, como desdobramento da razão no tempo, tal qual a natureza é o desdobramento da razão no espaço. Desse modo, para ele, a história se desenvolve de acordo com um plano racional; é marcha do espírito, que avança em seu processo dialético, voltando a si da alienação e se tornando, de novo, em si e para si.*

*Por isso, as transformações, a diversificação dos Estados, a infinidade de povos em seu desenrolar sucessivo revelam um progresso natural do espírito que se faz história rumo ao Absoluto. E nessa marcha dialética, no embate dos momentos positivos e negativos, a história se faz efetivamente, o espírito se aliena, volta a si, se torna consciência de si, negando-se e recuperando-se enriquecido, num tempestuoso fazer-se de liberdade.*

*Por conseguinte:*

- a opção (a) é incorreta, pois a história é um progresso do espírito, e não é um mero progresso natural ou físico, fruto de um processo mecânico bruto;
- a opção (c) é incorreta, porque a história é o resultado da marcha do espírito, e não o resultado da atuação individual de algum indivíduo, de algum grande homem, ou de algum herói, que, sozinho, proporciona o avanço do progresso;
- a opção (d) também é incorreta, porque sendo a história um progresso do espírito, seu processo avança rumo à superação, para uma realização da razão cada vez maior; desse modo, ela não é um progresso trágico, obtido cegamente pelas contingências da realidade ou pelas indesejáveis situações de dor e sofrimento; e
- a opção (e) também é incorreta, porque a história é um progresso da razão e da consciência rumo à universalização do absoluto, e não se reduz a um progresso cósmico, algo relacionado aos movimentos dos corpos celestes ou da interação de forças físicas de expansão e retração.

\* \*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Confira o seguinte texto:

- a resposta à questão 13, sobre a razão na história em Hegel, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão: o Enade 2017 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2023.

**Link de acesso:**

<https://www.editorafi.org/ebook/a048-filosofia-questao>



## QUESTÃO 12

Impossível ou, pelo menos, difícil de fazer o bem quando se está desprovido de recursos. Pois certos atos exigem, como meio de execução, amigos, dinheiro, um certo poder político. Na falta desses meios, a felicidade da existência encontra-se alterada, por exemplo, se não se goza de um bom nascimento, de uma descendência feliz e de beleza. Não se saberia, com efeito, ser perfeitamente feliz, quando se é desgraçado pela natureza, de nascimento obscuro, solitário na vida ou desprovido de filhos; menos ainda, talvez, se tem filhos e amigos completamente maus ou se, depois de tê-los tidos bons, perdê-los. Como dissemos, a felicidade, segundo a opinião comum, exige semelhante prosperidade. Eis a razão segundo a qual alguns colocam no mesmo grau da felicidade a prosperidade, assim como outros a virtude.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4. ed.  
Brasília: UnB, 2001, p. 36-37 (adaptado).

À luz das ideias de Aristóteles e considerando o texto apresentado, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

I. A felicidade exige a disponibilidade de meios e recursos.

### PORQUE

II. Riqueza, bom nascimento, boas amizades e boa descendência são condições suficientes para o agir ético.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.**
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta desta questão é a opção (c) porque, de fato, a asserção I é uma proposição verdadeira, e a asserção II é uma proposição falsa. Senão, vejamos.*

*Dentre os temas filosóficos relevantes discutidos por Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômaco*, encontramos o tema da felicidade. De fato, esse tema é logo apresentado no início da obra, após uma breve introdução. O quadro teórico imediato de toda a discussão aristotélica sobre a felicidade é a afirmação de que a felicidade é o fim último a que se destinam todo conhecimento e toda ação. Sendo assim, caso o conhecimento implique em um bem viver, e caso a ação implique em um bem agir, tanto uma instância quanto a outra, isto é, tanto o bem viver como o bem agir, são identificados com o ser feliz.*

*Na sequência de sua exposição sobre o tema, porém, Aristóteles se depara com a questão de saber no que de fato a felicidade consiste. Do seu ponto de vista, muitas são as concepções sobre o que venha a ser a felicidade. Uns a identificam com o prazer; outros, com a honra; outros, com a boa fortuna; e ainda outros, com o sumo bem. Na *Ética a Nicômaco*, ele passa em revista algumas dessas concepções e, após criticá-las, ele sai em defesa da ideia segundo a qual a felicidade é uma atividade virtuosa da alma.*

*Assim concebida, a felicidade está intimamente associada ao uso da razão, de onde procedem tanto o conhecimento como a boa ação. Por não terem condições de realizar atividades virtuosas, rigorosamente falando não se pode atribuir felicidade aos animais, por exemplo. Aliás, pela mesma razão, podemos dizer que nem mesmo alguns seres humanos, uma criança muito pequena, por exemplo, vive feliz, no sentido aristotélico do termo.*

*No quadro geral da teoria de Aristóteles sobre a virtude, ações virtuosas devem ser aprazíveis em si mesmas e, portanto, devem também ser boas e nobres. Ora, no caso da felicidade, ela é identificada como sendo a melhor dentre as mais excelentes ações virtuosas. Sendo assim, ela deve ser igualmente boa e nobre. Contudo, para que a felicidade alcance esse status, o filósofo estagirita argumenta que é necessária a presença de alguns bens que, segundo ele, são condições prévias para que a felicidade ocorra.*

*Do seu ponto de vista, portanto, a felicidade exige a disponibilidade de meios e recursos, pois ela, sendo um ato nobre, não é facilmente realizada sem esses devidos meios. Por exemplo, em muitas ações nobres utilizamos como instrumentos os bens, os amigos, a riqueza, e até mesmo o poder político; e, na ausência de outros bens externos, tais como: a nobreza de nascimento, uma boa descendência, a beleza, etc., a felicidade é ofuscada. Quanto a isso, o próprio Aristóteles chega a afirmar que pessoas muito feias de aparência, ou que não têm certo poder aquisitivo, ou não possuem filhos, não têm muita probabilidade de ser feliz, visto que lhes faltariam condições externas para a felicidade.*

*Porém, e obviamente, esses bens externos e essas propriedades não são condições suficientes nem necessárias para o agir ético. Para Aristóteles, agir eticamente depende de escolhas racionais das virtudes excelentes, e isso independe de se ter condições materiais ou amigos, ou filhos, ou beleza. Nesse sentido, é possível uma pessoa reunir todas as condições para ser feliz, mas, mesmo assim, não agir eticamente.*

Assim sendo, ao voltamos nossa atenção para a questão, a asserção I, “a felicidade exige a disponibilidade de meios e recursos”, é verdadeira, e a asserção II, “Riqueza, bom nascimento, boas amizades e boa descendência são condições suficientes para o agir ético” é falsa; e, desse modo, não pode haver qualquer relação de causalidade entre elas. A resposta da questão, portanto, é a opção (c). Por conseguinte:

- A opção (a) é incorreta porque, além de admitir que a asserção II é uma proposição verdadeira, também admite que ela é uma justificativa da asserção I.
- A opção (b) é incorreta porque admite que a asserção II é uma proposição verdadeira.
- A opção (d) é incorreta porque admite que a asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- A opção (e) é incorreta porque admite que a asserção I é falsa.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### Ampliando a reflexão

Confira os seguintes textos:

- a resposta à questão 19, sobre a virtude em Aristóteles, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão**: o Enade 2005 de Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206\\_9483061126544c0598e8885267b01534.pdf](https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_9483061126544c0598e8885267b01534.pdf)

- a resposta à questão 18, sobre a ética aristotélica, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão**: o Enade 2008 de Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206\\_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf](https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf)

- a resposta à questão 10, sobre a virtude em Aristóteles, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão**: o Enade 2014 de Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_d71205222a8a41879ffa78728b3561e6.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_d71205222a8a41879ffa78728b3561e6.pdf)



## QUESTÃO 13

Em nós, é espontânea a tendência a ver o avesso das coisas. Se diz que qualquer personalidade mundial, com dois dias de Brasil, já não seria mais levada a sério. Entretanto, é no Brasil onde o falar, o escrever e o pensar vieram a ser as coisas mais formalizadas e rígidas que se conhece. Todo sujeito que sobe numa tribuna julga essencial, antes do mais, colocar-se na ponta dos pés e no alto de seus tamancos. Essencial trocar todas as palavras usuais por palavras que estranham nosso modo. Construir frases numa ordem que jamais usaria para pedir um cafezinho. E falar sobre coisas para as quais nos custa encontrar referência na realidade em volta. No intelectual brasileiro que discursa, triunfa o sério – expressão de uma classe privilegiada diante da multidão analfabeta. No homem sério, triunfa a Razão Ornamental.

GOMES, R. **Crítica da Razão Tupiniquim**.

10. ed. São Paulo: FTD, 1994. (adaptado).

De acordo com o texto, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

- I. Para a formulação de um pensamento brasileiro fecundo, um dos caminhos a se buscar é o de ultrapassar a seriedade vazia, superficial e postiça.

### **PORQUE**

- II. O coloquialismo filosófico mostra-se como uma perspectiva promissora a nos guiar, sem que seja preciso importar formas e conceituações externas.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

**a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.**

b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.

c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.

d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.

e) As asserções I e II são proposições falsas.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### **Resposta comentada:**

*A resposta correta desta questão é a opção (a), pois ambas as asserções de fato são verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.*

*O texto apresenta uma discussão sobre a postura assumida por muitos brasileiros, mas não só brasileiros, de tentar demonstrar erudição e seriedade elevadas. Mais pontualmente, o autor trata da formalidade e artificialidade utilizadas no âmbito intelectual brasileiro, e destaca a tendência, que segundo ele é espontânea, de enxergarmos as coisas pelo avesso, quando se trata de discursos e expressão de pensamentos.*

*A crítica do autor a essa postura superficial consiste no fato de que muitos brasileiros confundem seriedade e erudição com determinada performance formal. Do seu ponto de vista, isso implica na seguinte atitude: ao apresentarem suas ideias e pensamentos, muitos se distanciam da realidade cotidiana e da linguagem comum. Ou seja, critica-se a desnecessária e excessiva formalidade dos discursos intelectuais brasileiros e, exatamente por isso, a total desconexão do conteúdo do discurso com a realidade brasileira na qual se está inserido.*

*A proposta do autor para remediar essa situação e apresentar e desenvolver um pensamento brasileiro mais fecundo e proveitoso é, por um lado, abandonar essa postura formal, que apenas apresenta uma seriedade*

vazia, superficial e postiça, e, por outro lado, considerar e discutir o uso do coloquialismo filosófico como uma perspectiva promissora na teorização, conceituação e exposição de ideias.

Dito isso, e voltando para o enunciado da questão, fica evidente que as asserções “I. Para a formulação de um pensamento brasileiro fecundo, um dos caminhos a se buscar é o de ultrapassar a seriedade vazia, superficial e postiça” e “II. O coloquialismo filosófico mostra-se como uma perspectiva promissora a nos guiar, sem que seja preciso importar formas e conceituações externas” são asserções verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I. Por conseguinte:

- A opção (b) é incorreta porque, apesar de admitir que as asserções I e II são verdadeiras, nega-se que a asserção II seja uma justificativa correta da asserção I.
- A opção (c) é incorreta porque admite que a asserção II é uma proposição falsa, quando, no fundo, ela é verdadeira.
- A opção (d) é incorreta porque admite que a asserção I é uma proposição falsa, quando, no fundo, ela é verdadeira.
- A opção (e) é incorreta porque admite que as asserções I e II são falsas, quando, no fundo, elas são verdadeiras.

\* \*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Para aprofundamento, é recomendado a leitura do texto: GOMES, R. **Crítica da Razão Tupiniquim**. 10. ed. São Paulo: FTD, 1994.



## QUESTÃO 14

Como seria doce viver entre nós, se a aparência externa fosse sempre a imagem das disposições do coração! Se a decência fosse a virtude, se nossas máximas nos servissem de regras e a verdadeira filosofia fosse inseparável do nome do filósofo! Mas tantas qualidades raramente vão juntas, e a virtude não marcha com tanta pompa. A riqueza dos trajés pode anunciar um homem de gosto; o sadio e robusto se faz reconhecer por outras marcas; é sob a roupa rústica de um camponês, e não sob o ornamento dourado, que serão encontrados a força e o vigor do corpo. O traje não é menos estranho à virtude do que a força ao vigor da alma.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Trad. Maria das Graças de Souza. Brasília: UnB, 2020, p. 39 (adaptado).

Considerando o texto apresentado e o contexto filosófico da obra de Rousseau, avalie as afirmações a seguir.

- I. Segundo sua crítica, as sociedades do século XVIII abriram mão do luxo e da aparência e seus indivíduos vivem plenamente conscientes de si.
- II. Rousseau expressa a concepção de que a verdadeira virtude é simples, podendo ser alcançada pela autorreflexão capaz de despojar o eu das paixões viciosas.
- III. A virtude é aquela que se estabelece no âmbito de um eu puro, consciente de si, e não a que se forma em torno da fama e do nome.
- IV. O texto pode ser lido em sintonia com a tese do “bom selvagem”, segundo a qual o homem é bom por natureza e que é a sociedade que o corrompe.

É correto apenas o que se afirma em

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e IV.
- d) I, III e IV.
- e) II, III e IV.**

\* \_ \* \_ \*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta desta questão é a opção (e), haja vista que, das proposições apresentadas, apenas a proposição I é falsa. De fato, quando consideramos o pensamento filosófico de Rousseau, identificamos nele uma forte crítica às sociedades do século XVIII, pelas suas atrocidades, opulências e vícios, e não um reconhecimento de que elas abriram mão do luxo, da loucura do apego às aparências, ou então que aderiram a uma vida consciente e virtuosa.*

*A base consistente para esta posição radical, recorde-se, era sua antropologia filosófica, cujo conceito central, “o estado de natureza”, sustentava que o ser humano não era mau ou injusto, mas desenvolveu esses vícios com o desequilíbrio da vida social.*

*Sem dúvida, uma leitura crítica da posição de Rousseau, especialmente de quem não quer admitir a contribuição da sociedade para o surgimento e a proliferação da corrupção das pessoas, sustenta que a posição de Rousseau era mítica, enraizada na ideia clássica do “bom selvagem”, e que consistia numa leitura nostálgica do passado. Mas, na verdade, Rousseau trabalha com o conceito de “estado de natureza” como um critério filosófico para situar o inquietante drama da atualidade marcada pela desigualdade e todos os males que daí decorrem.*

*Ao olhar para as sociedades presentes (é pessimismo?), sustenta Rousseau, o que se percebe é que o ser humano, naturalmente livre, encontra-se envolvido em inúmeras cadeias, vícios, jugos e privações. Mas este choque de realidade não deve levar a humanidade ao comodismo paralisante, e sim ao despertar para um novo contrato social. Um novo contrato social, onde a preocupação seja posta na construção do bem comum e na formação de um ser humano livre, consciente e responsável. Consequentemente, um contrato social centrado na tarefa da educação e da formação da pessoa humana, pois a educação é o caminho para uma sociedade autêntica, renovada e justa.*

*Por conseguinte:*

- as opções (a) e (b) são incorretas, considerando que, por um lado, elas admitem correto o que se afirma na proposição I quando, pelo que já vimos, a proposição I é falsa; e, por outro lado, cada uma delas deixa de fora e não afirma duas proposições verdadeiras: a opção (a) não afirma as proposições III e IV, nem a opção (B) afirma as proposições II e IV.
- a opção (c) também é incorreta, porque ela deveria afirmar a proposição III e não o faz; e, finalmente,
- a opção (d) é incorreta porque, de modo bastante similar ao que acontece nas opções (a) e (b), ela, por um lado, ela admite que é correto o que se afirma na proposição I, quando a proposição I é falsa; e, por outro lado, ela deixa de fora e não afirma a proposição II, que é verdadeira e, por isso, deveria ser afirmada.

\* \_ \_ \* \_ \_ \*

### **Ampliando a reflexão**

Confira o seguinte texto:

- a resposta à questão 22, sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens em Rousseau, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão**: o Enade 2017 de Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2023.

**Link de acesso:**

<https://www.editorafi.org/ebook/a048-filosofia-questao>

## QUESTÃO 15

A ética ambiental incentiva a consideração pelos interesses de todas as criaturas sencientes, inclusive das gerações que habitarão o planeta num futuro remoto. Acompanha-a uma estética

da apreciação dos lugares naturais não devastados pelo homem. Num nível mais pormenorizado, aplicável às vidas dos que vivem nas grandes e pequenas cidades, essa ética desestimula a existência de grandes famílias. Uma ética ambiental rejeita os ideais de uma sociedade materialista na qual o sucesso é medido pelo número de bens de consumo que alguém é capaz de acumular. Em vez disso, ela avalia o sucesso em termos do desenvolvimento das aptidões pessoais e da verdadeira conquista da satisfação e realização. Incentiva a frugalidade, na medida em que esta se faz necessária para a diminuição da poluição e para a certeza de que todas as coisas passíveis de reutilização serão reutilizadas.

SINGER, P. **Ética Prática**. Trad. Jefferson Luiz Camargo.  
3. ed. São Paulo: Martins Fontes (adaptado).

Considerando o texto apresentado, avalie as afirmações a seguir.

- I. As linhas gerais da ética ambiental propostas por Peter Singer possuem um caráter consequencialista.
- II. O respeito aos interesses das criaturas sencientes é o mesmo devido a todos os seres naturais.
- III. A ética ambiental envolve o respeito ao ambiente natural preservado também para fruição estética.
- IV. Os níveis de consumo devem ser reduzidos em função do possível colapso no sistema de produção de bens.

É correto apenas o que se afirma em

- A) I e II.
- B) I e III.**
- C) II e IV.
- D) I, III e IV.
- E) II, III e IV.

\*\_\*\_\*\_\*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta para esta questão é a opção (b), considerando que, de acordo com as posições do utilitarismo moderno de Peter Singer, somente as proposições I e III são verdadeiras. De fato, segundo Peter Singer, as linhas gerais da ética ambiental possuem um caráter consequencialista e envolve respeito ao ambiente natural. Um respeito que decorre tanto do status ocupado pelos animais no âmbito da ética, quanto no direito à vida digna na sociedade, na cultura e na natureza.*

*De acordo com Singer, a ética ambiental diz respeito a uma necessária mudança de paradigma, afastando-se da ética tradicional, com sua noção da superioridade humana, para uma ética da qualidade de vida, baseada na capacidade de sentir dor ou sofrer, e sentir prazer ou bem estar, onde toda a vida animal se inclui e deve ser levada em conta.*

*Desse modo, o alvo maior da ética ambiental, na proposta de Peter Singer, é o ambiente da vida, e não meramente o ambiente humano. No ambiente da vida, o conceito base não é o de sacralidade, mas o de qualidade da vida. Neste novo enfoque, as questões centrais passam pela qualidade do viver, e não, simplesmente, pelo viver de qualquer modo, viver para os propósitos do mercado de consumo, ou viver para servir de alimento. Assim,*

*precisa-se considerar que é inegável que as pessoas têm interesses, mas, neste caso, não se deve entender “pessoa” como sinônimo de “ser humano”, pois o interesse de viver, o interesse de qualidade de vida, de alcançar o bem estar e fugir da dor, está presente tantos nos seres humanos como nos demais animais.*

*Por conseguinte:*

- *as opções (a), (d) e (e) são incorretas, haja vista que, apesar de cada uma delas afirmar corretamente alguma proposição verdadeira (a opção (a) assere I, a opção (d) assere I e III, e a opção (e) assere III) todas elas afirmam, indevidamente, alguma proposição que não é correta (a opção (a) assere II, a opção (d) assere IV e a opção (e) assere II e IV); e*
- *por sua vez, a opção (c) também é incorreta, porque ela assere erroneamente duas proposições falsas, a saber, II e IV. De fato, o enfrentamento da prática humana de infringir dor e morte aos animais não implica que o respeito aos interesses das criaturas sencientes é o mesmo em todos os seres naturais como, por exemplo, os seres vegetais; nem que os níveis de consumo devem ser reduzidos em função do possível colapso no sistema de produção de bens, pois tal redução deve ser vista a partir da qualidade de vida, e não de manutenção ou crise do sistema de produção de bens.*

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

*Confira o seguinte texto:*

- *a resposta à questão 25, sobre a ética ambientalista e os interesses das criaturas sencientes em Singer, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão: o Enade 2017 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2023.*

**Link de acesso:**

<https://www.editorafi.org/ebook/a048-filosofia-questao>



## QUESTÃO 16

É preciso, portanto, seguir em frente se queremos reanimar a vida do espírito na África e, por consequência, as possibilidades de uma arte, de uma filosofia, de uma estética que possam dizer algo de novo e de significativo ao mundo. Hoje, numerosos africanos vivem fora da África. Outros escolheram livremente viver no Continente, não necessariamente nos países onde nasceram. Mais ainda, muitos dentre eles têm a sorte de ter feito a experiência de vários mundos e praticamente não cessaram de ir e vir, desenvolvendo, na esteira desses movimentos, uma incalculável riqueza do olhar e da sensibilidade. Trata-se geralmente de pessoas que podem se expressar em mais de uma língua. Eles estão desenvolvendo, às vezes sem perceber, uma cultura transnacional que eu chamo de “Afropolitana”. Esse “espírito aberto” é percebido de maneira ainda mais profunda entre numerosos artistas, músicos e compositores, escritores, poetas, pintores. O afropolitano é uma estilística, uma estética e uma certa poética do mundo. É igualmente uma tomada de posição política e cultural em relação à nação, à raça e à questão da diferença em geral.

MBEMBE, A. Afropolitano. *Áskesis*, v. 4, n. 2, jul./dez. 2015, p. 68 - 71 (adaptado).

Considerando o conceito de cosmopolitismo e as informações apresentadas no texto, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

- I. Um novo continente cultural, estético e cosmopolita tem a perspectiva de se definir contemporaneamente na África.

### PORQUE

II. O continente africano encarna hoje um intenso dinamismo criativo, fruto de sua diversidade étnica e racial, bem como de seus legados, heranças e encontros históricos, geográficos e políticos.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- a) **As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.**
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### Resposta comentada:

*A resposta correta desta questão é a opção (a), pois ambas as asserções de fato são verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.*

*A questão trata de um dos temas das chamadas novas tendências em filosofia. Essas tendências é uma tentativa teórica e conceitual de propor maneiras diferentes de pensar o mundo, que não seja a partir do chamado “paradigma ocidental”.*

*O autor do texto expõe as suas ideias tendo como base o cosmopolitismo, que enfatiza a ideia segundo a qual todos os seres humanos são cidadãos do mundo, ou seja, que, independentemente de suas origens étnico-culturais, eles fazem parte de uma única comunidade global.*

O texto da questão destaca que o continente africano tem, quanto a isso, desfrutado de um certo dinamismo criativo, causado tanto pela diversidade étnico-racial, bem como por seus legados, heranças e encontros históricos, geográficos e políticos. Parte disso se deve ao fato de que, apesar de muitos africanos viverem fora da África, muitos deles também optaram por viver no seu próprio continente de origem, ainda que não no lugar de seu nascimento. E, devido à riqueza cultural, artística, religiosa e também natural, muito deles experienciam, digamos, vários mundos, várias formas de vida, e, por causa desse dinamismo, produzem uma imensuravelmente rica perspectiva de mundo.

Esse fato tem implicado e desenvolvido um “espírito aberto”, o qual proporciona uma cultura transnacional, que o autor do texto chama de afropolitanismo. Além de ser um movimento existente em muitas esferas, tais como: arte, música, literatura, etc., o afropolitanismo se apresenta, nesse caso, como sendo uma estética e uma certa poética do mundo. Disso resulta a ideia segundo a qual a África contemporânea tende a se definir como não só um novo continente cultural e estético, mas também, e sobretudo, cosmopolita.

Sendo assim, não teremos dificuldades de verificar que as asserções “I. Um novo continente cultural, estético e cosmopolita tem a perspectiva de se definir contemporaneamente na África” e “II. O continente africano encarna hoje um intenso dinamismo criativo, fruto de sua diversidade étnica e racial, bem como de seus legados, heranças e encontros históricos, geográficos e políticos” são, de fato, verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I. Por conseguinte:

- A opção (b) é incorreta porque, apesar de admitir que as asserções I e II são verdadeiras, nega que a asserção II seja uma justificativa correta da asserção I.

- A opção (c) é incorreta porque admite que a asserção II é uma proposição falsa, quando, no fundo, ela é verdadeira.
- A opção (d) é incorreta porque admite que a asserção I é uma proposição falsa, quando, no fundo, ela é verdadeira.
- A opção (e) é incorreta porque admite que as asserções I e II são falsas, quando, no fundo, elas são verdadeiras.

\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Para aprofundamento do tema da questão, é recomendado a leitura do texto: MBEMBE, A. Afropolitanismo. *Áskesis*, v. 4, n. 2, jul./dez. 2015, p. 68 – 71.

**Link de acesso:**

[https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/74/pdf\\_1](https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/74/pdf_1)

## QUESTÃO 17

Esse mundo pragmático em que a gente coexiste é um lugar de passagem de outros povos, outras mentalidades e culturas. E não existe só este mundo de concreto, ruas e cidades; que imprime no corpo da Terra a marca dos homens como se eles fossem a única existência inteligente e sensível. Se você conversar com os sábios dos Krenak, dos Guarani, dos Xavante e perguntar “O que quer dizer o nome do seu povo?”, eles vão dizer “ente humano”, “nós”, dismantelando a ideia de indivíduo e dando oportunidade de conversarmos com o rio, com a montanha, com outros seres que não são os eletivos humanos. Porque alguém elegeu este lugar como se fosse um clube. E, se você quiser fazer parte desse clube, vai reforçar a predação do planeta andando pelo mundo como se fosse a única inteligência viva da Terra. É uma racionalização absurda do pensamento. É isso que tem sido denunciado como uma espécie de humanidade-zumbi, uma humanidade petrificada que nem sabe o que está fazendo, mas continua fazendo. E isso incide sobre o mundo de maneira tão brutal que chegamos ao ponto de estarmos agora com esses mundos em colisão, como se não pudesse existir mais nenhum lugar da Terra que essa humanidade não possa invadir.

Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/>.  
Acesso em: 8 maio 2020 (adaptado).

Considerando as informações apresentadas, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

I. A crítica feita pelas cosmovisões indígenas refere-se ao poder homogeneizador da racionalidade dominante.

### PORQUE

II. A conquista do território pelo “homem branco” visivelmente se impõe, com força colonizadora, sobre os outros tipos de manifestações de identidades e culturas.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- a) **As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.**
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

\*\_\_\*\_\_\*

### Resposta comentada:

*A resposta correta desta questão é a opção (a), haja vista que, por um lado, a asserção I é verdadeira, pois as cosmovisões indígenas contêm uma crítica contundente à absolutização da racionalidade predadora, que fragmenta e bloqueia uma relação humana com a natureza; e, por outro lado, a asserção II tanto é verdadeira como também é uma justificativa correta da asserção I, como demonstra a história da subjugação e exploração daqueles povos originários.*

*Sem d vida, por um lado, as cosmovisões indígenas de grande parte dos povos originários tratam da maneira de perceber a totalidade da realidade e de como salvaguardar uma relação de integração com essa totalidade. Isto*

*é muito importante, sobretudo, porque nessas culturas originárias a totalidade da realidade inclui o mundo físico e o mundo espiritual, um paradigma amplo, onde são gestadas as normas para e todas as formas de lidar com os seres naturais e, conforme suas crenças, os seres espirituais. E, por outro lado, a investida colonizadora do “homem branco” sobre os povos indígenas e seus territórios visava tanto a escravização quanto a exploração das riquezas naturais por meio da força e das armas.*

*Por conseguinte:*

- a opção (b) é incorreta, visto que considera correto o que se afirma nas proposições I e II, mas não aceita que II é uma justificativa adequada da proposição I;*
- a opção (c) é incorreta porque, apesar de admitir que a asserção I é uma proposição verdadeira, considera que a asserção II é uma proposição falsa.*
- a opção (d) é incorreta porque trata a asserção I como sendo uma proposição falsa, muito embora trate a asserção II como sendo uma proposição verdadeira; e*
- a opção (e) é incorreta porque considera as asserções I e II como sendo proposições falsas, quando, de fato, ambas são verdadeiras.*

\* \_\* \_\* \_\*

### **Ampliando a reflexão**

Confira a seguinte publicação: “Cosmovisão indígena e modelo de desenvolvimento”, em:

[https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Porantim376\\_JunJul\\_Encarte-2015.pdf](https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Porantim376_JunJul_Encarte-2015.pdf)



## QUESTÃO 18

Os homens trilham quase sempre caminhos abertos por outros e pautam suas ações sobre essas imitações, embora não possam repetir tudo na vida dos imitados nem igualar sua *virtù*. Um homem prudente deve sempre seguir os caminhos abertos pelos grandes homens e espelhar-se nos que foram excelentes. Mesmo não alcançando a *virtù*, deve pelo menos mostrar algum indício dela e fazer como arqueiros prudentes que, julgando muito distante os alvos que pretendem alcançar e conhecendo bem o grau de exatidão do seu arco, orientam a mira para bem mais alto que o lugar destinado, não para atingir tal altura com a flecha, mas para poder, por meio de mira tão elevada chegar ao objetivo. Digo, portanto, que nos principados completamente novos, onde há um novo príncipe, existe maior ou menor dificuldade para mantê-lo conforme seja maior ou menor a *virtù* de quem o conquistou. E, como a passagem de simples cidadão a príncipe supõe *virtù* ou fortuna, parece que uma ou outra dessas duas coisas ameniza, em parte, muitas dificuldades.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo: Martins Fontes. p. 23 (adaptado).

Em relação à filosofia de Maquiavel e considerando as informações apresentadas, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

- I. O governante deve ter *virtù* de modo a respeitar os preceitos de justiça estabelecidos pelas leis instauradas de maneira coletiva.

### PORQUE

II. A arte de governar se estabelece mais em preceitos filosóficos ideais do que em princípios humanos, imperfeitos e inadequados para se conquistar a felicidade.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.**

\* \_\* \_\* \_\*

### Resposta comentada:

*A resposta correta para esta questão é a opção (e), pois, de fato, as asserções I e II expressam proposições falsas no tocante às posições e pensamentos de Maquiavel. O governante não deve se limitar a respeitar preceitos de justiça estabelecidos por leis instauradas de maneira coletiva, mas, sim, na sua capacidade de dominar a situação, sua força e habilidade. E, desse modo, sua arte de governar não se apoia em preceitos filosóficos ideais, mas na virtù, na astúcia que o leva a conquistar o poder, vencer as dificuldades durante seu exercício, e mantê-lo com eficácia.*

*Realmente, como se sabe, em seu realismo político extremado, minuciosamente apresentado na obra O Príncipe, Maquiavel considera os meios pelos quais o governante pode chegar ao poder e se manter nele com firmeza e habilidade. Por isso, especialmente no capítulo XV de O Príncipe, Maquiavel ataca ferozmente a tradição moral e coloca em questão o ideal de*

*bondade como meio de manter-se no poder. Para ele, o governante precisa ser temido e respeitado, não amado. Por isso mesmo, ele precisa aprender os meios de poder, não ser bom e aprender a fazer usos deles quando necessário, inclusive, se as circunstâncias exigirem com males e ameaças extremos ao seu governo, aplicando, igualmente, remédios extremos.*

*Neste contexto, entende-se o esforço de Maquiavel para mostrar, em texto, o sucesso alcançado na arte de governar por aqueles que eram temidos pela sua virtù, e a ruína daqueles que possuíam a fama de serem bons. Estes últimos, insiste ele, tiveram todos um fim lastimável, enquanto que os primeiros conseguiram comandar com braço firme, alcançaram respeito e temor, consolidando seu controle e levando adiante seu governo.*

*Por conseguinte:*

- as opções (a) e (b) são incorretas, uma vez que elas consideram as asserções I e II como expressando proposições verdadeiras, posições que, como vimos acima, não se sustentam, pois ambas são proposições falsas, diante das posições de Maquiavel; e
- as opções (c) e (d), por sua vez, são incorretas, porque a (c) considera que a asserção de I expressa uma proposição verdadeira, e a (d) considera que a asserção II expressa uma proposição verdadeira, o que, como vimos, não é o caso.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Confira o seguinte texto:

- a resposta à questão 40, sobre a política em Maquiavel, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão**: o Enade 2011 de Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206\\_357818c8e4664699938b09662177ffd7.pdf](https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_357818c8e4664699938b09662177ffd7.pdf)



## QUESTÃO 19

Suponhamos uma bola de bilhar sobre uma mesa, e uma outra bola movendo-se rapidamente em sua direção. Elas se chocam; e a bola que antes estava em repouso ganha movimento. Este exemplo da relação de causa e efeito é tão perfeito quanto qualquer outro de que tomemos conhecimento pela sensação e pela reflexão. Vamos, pois, examiná-lo. É evidente que as duas bolas se tocaram antes que o movimento fosse comunicado, e que não houve intervalo entre o choque e o movimento. A contiguidade no tempo e no espaço é, portanto, um requisito da operação de qualquer causa. É também evidente que o movimento que constituiu a causa é anterior ao movimento que resultou como efeito. A prioridade temporal é, portanto, um outro

requisito de causa. Mas isso não é tudo. Tomemos outras bolas do mesmo tipo em uma situação

semelhante; veremos que o impacto de uma sempre produz efeito na outra. Eis, portanto, um terceiro requisito, ou seja, uma conjunção constante entre causa e efeito.

HUME, D. **Tratado da natureza humana**.  
São Paulo, UNESP, 2000, p. 687 (adaptado).

Considerando o texto apresentado, avalie as afirmações a seguir.

- I. Hume busca o fundamento das nossas inferências causais e conclui que o que nos faz inferir o efeito da causa é a razão; portanto, há demonstração dedutiva da relação entre causa e efeito.

- II. Hume crê que as expectativas em torno da ocorrência de certos efeitos a partir da ação de causas na natureza devem-se a três fatores: contiguidade no tempo e no espaço, anterioridade no tempo e conjunção constante.
- III. Hume contrariou a tese corrente à época que afirmava haver uma conexão necessária entre causa e efeito e que caberia aos filósofos, a partir do método correto, desvelar esta verdade metafísica.

É correto o que se afirma em

- a) I, apenas.  
b) III, apenas.  
c) I e II, apenas.  
**d) II e III, apenas.**  
e) I, II e III.

\* \_ \_ \* \_ \_ \*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta para esta questão é a opção (d), haja vista que apenas as proposições II e III são verdadeiras e podem ser corretamente afirmadas. Sem dúvida, a posição de Hume sustenta que quando temos expectativas com vistas à ocorrência de certos efeitos relacionados à causalidade é porque podemos identificar contiguidade, anterioridade e constância.*

*A contiguidade no espaço e no tempo, característica muito importante dos fenômenos naturais, indica alguma proximidade entre um fenômeno e outro. É porque o fenômeno A ocorre espacialmente próximo do fenômeno B que inferimos a relação de causalidade entre A e B. Ou, se preferir, é porque o fenômeno A ocorre temporalmente próximo do fenômeno B que inferimos a relação de causalidade entre A e B.*

*A proximidade, contudo, não é suficiente para nos fazer inferir a relação de causalidade entre dois fenômenos. É preciso também que haja uma anterioridade temporal de A com relação a B, para que possamos dizer que A causou B. Não faz sentido, de acordo com a posição clássica de Hume, dizer que o fenômeno B causou o fenômeno A, se o fenômeno B é posterior no tempo ao fenômeno A, isto é, se o fenômeno só existiu depois que A foi produzido.*

*Além disso, proximidade e anterioridade também não são suficientes para atribuímos relação de causalidade entre dois fenômenos. É preciso que haja uma constância na ocorrência dos fenômenos, apresentando a ocorrência de contiguidade com sucessão de tempo, isto é, de anterioridade. De fato, é porque constatamos uma certa constância de que A sempre ocorre próximo e antes de B, ou que B sempre é antecedido por A, que dizemos que A causou B.*

*Essas posições, claro, se chocaram com a tese dominante até o período moderno de que há uma conexão necessária entre causa e efeito, e que o trabalho dos filósofos, metodicamente, deve pô-la às claras. Tal necessidade, sustentou Hume, não passa de um hábito ou crença da nossa razão. Dela não temos nenhuma impressão, nenhuma experiência, e nenhum conhecimento. Tudo que experimentamos é uma certa contiguidade, marcada por certa relação de proximidade e alguma constância entre fenômenos que dizemos ser causa e efeito.*

*Por conseguinte:*

- a opção (a) é incorreta, pois ela afirma que é correto dizer o que se afirma na proposição I, mas a proposição I é falsa, ao analisar os fundamentos de nossas inferências causais, de modo algum Hume conclui que aquilo que nos faz inferir o efeito da causa é a razão; pelo contrário, é a crença ou o hábito que nos leva a tais aplicações dessas ideias;

- a opção (b), por sua vez, é incorreta porque, ela só afirma a verdade da proposição III e negligencia a proposição II.
- Já a opção (c) é incorreta por afirmar, erroneamente, a proposição I, que é falsa, e negligenciar a proposição III, que é verdadeira; e
- finalmente, a opção (e) é incorreta porque, apesar de afirmar as proposições verdadeiras II e III, afirma, erroneamente, a proposição I que, como vimos, é falsa.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Confira o seguinte texto:

- a resposta à questão 12, sobre a causalidade em David Hume, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão**: o Enade 2008 de Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206\\_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf](https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf)

## QUESTÃO 20

No período pré-socrático,  
quando em pedra se escrevia,  
Embora de modo arcaico,  
pois papel não existia,  
Nasceu a filosofia,  
Do pensamento monista,  
Primitivo cientista,  
Um tal Tales de Mileto,  
Balançou o esqueleto  
Dos mitos politeístas.  
Precursor e avalista  
Da ciência natural,  
Sob seu ponto de vista,  
A água é fundamental.  
O elemento vital  
De toda a mãe natureza  
Viveu na sua proeza  
Até a morte chegar;  
Se ele sabia nadar,  
Disso não tenho certeza.

ALENCAR, H. **A filosofia em cordel**. Disponível em:

<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/3248923>.

Acesso em: 28 maio 2020 (adaptado).

A partir da exposição do trecho de literatura de cordel sobre as origens da Filosofia, avalie as afirmações a seguir.

- I. A filosofia originária, também dita pré-socrática, estabeleceu algumas distinções importantes em relação ao pensamento mítico.
- II. O caráter arcaico e atrasado das regiões em que se situavam esses primeiros filósofos explica a sua inclinação pelas questões naturais.

III. A definição de um princípio material único – “arché” – é uma das características mais importantes dessa primeira filosofia.

IV. Nos versos finais, o autor satiriza o descolamento entre ideias e realidade, muitas vezes atribuído à filosofia: o filósofo da água saberia nadar?

É correto apenas o que se afirma em

a) I e II.

b) I e III.

c) II e IV.

**d) I, III e IV.**

e) II, III e IV.

\* \_ \_ \* \_ \_ \*

**Resposta comentada:**

*A questão trata das origens da filosofia. Portanto, diz respeito àquele período da Filosofia Antiga denominado de “pré-socrático”. Nesse período, a preocupação principal dos filósofos foi a tentativa de definir a causa primeira originadora e organizadora de todas as coisas. A esta causa, os pré-socráticos deram o nome de “arché”, palavra grega que significa “princípio”. Com tal empreendimento teórico, os primeiros filósofos estabeleceram algumas distinções importantes em relação ao pensamento mítico, uma vez que, agora, a justificativa para a origem do cosmos estava fundamentada – pelo menos era essa a pretensão – o não em parâmetros mítico-religiosos, mas unicamente na razão.*

*Quanto a isso, há quem defenda a ideia de que essa inflexão teórica estava diretamente associada ao caráter arcaico e atrasado das regiões em que se situavam esses primeiros filósofos. Contudo, o ousado empreendimento intelectual desses pensadores não se deveu a qualquer questões regionais ou geográfica, mas é quase que unanimemente aceito pela*

historiografia filosófica que tal empreendimento se deveu ao chamado “gênio grego”, ou seja, a um movimento intelectual caracterizado pela busca do fundamento último da realidade (o arché), de modo radical, racional e sistemático.

É, portanto, essa nova maneira de pensar proposta pelos pré-socráticos que dá origem à filosofia que, no intuito de melhor e fundamentalmente compreender a realidade, tem como uma das suas principais características a compreensão da relação entre as ideias racionalmente concebidas e a própria realidade.

Sendo assim, avaliando as afirmações propostas na questão, verificaremos que: a afirmação I é verdadeira porque, de fato, os pré-socráticos propuseram uma distinção entre o mito e a razão; a afirmação II é falsa porque a inclinação dos pré-socráticos pelas questões naturais não se deveu ao caráter arcaico e atrasado das regiões em que se situavam; a afirmação III é verdadeira porque, de fato, uma das características mais importantes dessa primeira filosofia é a definição do princípio material fundamental, o arché; e a afirmação IV é verdadeira porque, indubitavelmente, o descolamento entre ideias e realidade é uma característica marcante da filosofia.

A resposta da questão, portanto, é a letra (d). Por conseguinte:

- As opções (a), (c) e (e) são incorretas porque admitem que a afirmação II é verdadeira, quando, na verdade, ela é falsa.
- A opção (b) é incorreta porque só admite que as afirmações I e III são verdadeiras, enquanto que a afirmação IV também é verdadeira.

### **Ampliando a reflexão**

*Confira o seguinte texto:*

- a resposta à questão 09, sobre os pré-socráticos, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão: o Enade 2014 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/files/uqd/48d206\\_d71205222a8a41879ffa78728b3561e6.pdf](https://www.editorafi.org/files/uqd/48d206_d71205222a8a41879ffa78728b3561e6.pdf)

## QUESTÃO 21

### TEXTO I

É inegável a contribuição que a ciência e a tecnologia trouxeram nos últimos anos. Porém, apesar desta constatação, não podemos confiar excessivamente nelas, tornando-nos cegos pelo conforto que nos proporcionam cotidianamente seus aparatos e dispositivos técnicos. Isso pode resultar perigoso porque, nesta anestesia que o deslumbramento da modernidade tecnológica nos oferece, podemos nos esquecer que a ciência e a tecnologia incorporam questões sociais, éticas e políticas.

BAZZO, W. A. **Ciência, Tecnologia e Sociedade:**  
e o contexto da educação tecnológica.  
Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998, p. 142 (adaptado).

### TEXTO II

Durante muitos séculos permaneceu a concepção de que o domínio da natureza pela ciência e técnica era elemento de progresso e emancipação do homem e que os métodos e critérios das ciências garantiam a objetividade e neutralidade das teorias científicas. Porém, mesmo possibilitando melhoria na qualidade de vida e saúde, integração entre os povos e sociabilidade, os frutos da ciência e tecnologia ainda permanecem desiguais e trazem discussões fundamentais para a filosofia contemporânea.

Considerando as informações apresentadas, avalie as afirmações a seguir.

- I. A ciência e a tecnologia podem servir de instrumento de dominação, assim como viabilizar a construção de instrumentos de destruição em massa.
- II. Pesquisas científicas podem ser usadas para justificar a exploração ambiental, gerando graves desequilíbrios ao ecossistema.
- III. A equidade social é resultante dos aparatos tecnológicos produzidos pelo desenvolvimento científico.

É correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.**
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta para esta questão é a opção (c), uma vez que apenas as proposições I e II podem ser afirmadas corretamente. Realmente, apesar dos inumeráveis avanços da ciência e da tecnologia em prol da vida e do desenvolvimento social, não se pode deixar de reconhecer, como faz a proposição I, que elas também são instrumentos de dominação, e até de destruição em massa. Fenômenos (lamentáveis) modernos e contemporâneos, como o neocolonialismo socioeconômico e o uso da bomba atômica, podem facilmente ilustrar essa indesejável afirmação.*

*Contudo, se não quisermos olhar para a história, podemos, simplesmente, constatar a proliferação e as consequências danosas do uso da ciência e da tecnologia no campo social, ético e político, com a explosão da atual prática de fake news no Brasil (também se pode ver isso em todo o mundo, mas noutra escala). Tecnologia avançada e ciência sofisticada*

*atuando com robôs no disparo de mensagens, na manipulação da deep web, na invasão predadora de dados (pessoais e institucionais), que colocam em xeque a democracia, as instituições públicas e inclusive a própria ciência.*

*Além disso, o uso deplorável da ciência e da tecnologia, como afirma a proposição II, também pode facilmente ser visto na manipulação de dados, na construção retórica virtual e nas próprias pesquisas científicas, com intuito de justificar e acelerar a exploração ambiental (e humana!), o contrabando de animais (selvagens e humanos), e na perpetuação de um sistema de produção e consumo que desequilibra o ecossistema, acelera o aquecimento global e ameaça a própria existência da vida no planeta.*

*Neste sentido, ao considerarmos a afirmação verdadeira da proposição II, merece um acentuado destaque o crescimento galopante e a perpetuação das desigualdades sociais injustas que o uso desvirtuado da ciência e da tecnologia traz consigo, tal como acentua o texto II do enunciado desta questão. Em tese, ciência e tecnologia podem e devem combater (e extirpar) as desigualdades sociais injustas existentes, mas a prática revela o contrário. Desse modo, há questões urgentes e imprescindíveis que, seguidas de uma séria busca de respostas, devem ser feitas. Questões como: “a quem beneficia o uso da ciência e da tecnologia?”, “que qualidade de vida social resulta do uso da ciência e da tecnologia?” e “que (des)compromissos sociais estão por trás do uso da ciência e da tecnologia?”, que estão sendo ignoradas, mas não deveriam*

*Por conseguinte:*

- a opção (a) é incorreta, uma vez que aceita que a afirmação da proposição I é adequada quando, na verdade, também seria adequado afirmar a proposição II;
- a opção (b) é incorreta porque aceita adequado afirmar a proposição III que, por tudo que foi visto nos comentários, é falsa; de fato, seria tudo de bom se os aparatos tecnológicos produzidos pelo desenvolvimento científico resultassem numa equidade social; mas o que a história nos mostra é o contrário: a iniquidade.

- a opção (d) é incorreta, haja vista que, apesar de considerar adequado afirmar a proposição II, que é verdadeira, admite a correção de se afirmar a proposição III, que é falsa; e
- a opção (e) também é incorreta, pois, de modo bastante similar, apesar de considerar adequado afirmar as proposições I e II, que são verdadeiras, ela admite como correto afirmar a proposição III, que é falsa.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

*Confira o seguinte texto:*

- a resposta à questão 35, sobre educacional e relações socialmente igualitárias em H. Arendt, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão: o Enade 2017 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2023.

**Link de acesso:**

<https://www.editorafi.org/ebook/a048-filosofia-questao>

## QUESTÃO 22

Denominamos sensibilidade a receptividade de nossa mente para receber representações na medida em que é afetada de algum modo; em contrapartida, denominamos entendimento ou espontaneidade do conhecimento a faculdade do próprio entendimento de produzir representações. A nossa natureza é constituída de um modo tal que a intuição não pode ser senão sensível, isto é, contém somente o modo como somos afetados por objetos, enquanto o entendimento é a faculdade de pensar o objeto da intuição sensível. Desse modo, tanto é necessário tornar os conceitos sensíveis, quanto tornar as suas intuições compreensíveis.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. 5. ed. Trad. de Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001 (adaptado).

Considerando a teoria do conhecimento em Kant, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

- I. Sem a sensibilidade nenhum objeto nos seria dado, e sem entendimento, nenhum seria pensado.

### **PORQUE**

- II. A sensibilidade nos fornece os dados da experiência, e o entendimento lhes dá unidade conceitual permitindo-nos pensá-los.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

**a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.**

b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.

c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.

d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.

e) As asserções I e II são proposições falsas.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta para esta questão é a opção (a), haja vista que, tanto as asserções I e II expressam proposições verdadeiras quanto a asserção II é uma justificativa correta da asserção I. De fato, segundo Kant, por um lado, nós só conseguimos fazer intuições sensíveis; pois fora da sensibilidade, nenhum objeto nos é dado. E, por outro lado, só pensamos por meio das representações do entendimento; assim, sem o entendimento, nenhum objeto seria pensado.*

*A sensibilidade, como se sabe, na ótica kantiana da Crítica da Razão Pura, é o meio pelo qual os objetos são dados na intuição; e isso significa dizer que é o meio pelo qual os fenômenos do mundo nos atingem. E nos atingem como um rio caudaloso de informações a serem intuídas, ou não. Tudo, e ao mesmo tempo a multiplicidade de sensações dos objetos do mundo, que chega para nós pela experiência, atinge nossa sensibilidade e se oferece para ser conhecido. Ao dirigirmos a atenção diretamente para o objeto dado na sensibilidade, contudo, o intuímos e aplicamos as formas puras e a priori da sensibilidade, que são espaço e tempo, começando a estruturá-los para o emprego da faculdade do entendimento.*

*A faculdade do entendimento, de acordo com Kant, é o meio através do qual os objetos são pensados. O entendimento possui os conceitos a priori e,*

por meio deles é representado o objeto da intuição sensível. Os conceitos a priori do entendimento, também chamados de formas pura do entendimento, reúnem o múltiplo dado nas intuições sensíveis e o estruturam, conforme o caso, nas categorias de quantidade, qualidade, relação e modo. Assim, os conceitos são formas vazias, a priori, que devem ser preenchidas pelo conteúdo sensível e sem os dados da experiência eles permanecem vazios. Mas, por outro lado, sem a aplicação deles por parte do entendimento, os dados da experiência não são pensados, ordenados e nem julgados.

Por conseguinte:

- a opção (b) é incorreta porque, apesar de considerar as proposições I e II como verdadeiras, ela é incompleta pois não reconhece que a proposição II é uma justificativa correta da proposição I;
- a opção (c) é incorreta, uma vez que ela, apesar de considerar a proposição I como verdadeira, termina considerando indevidamente a proposição II como falsa;
- a opção (d) é incorreta por uma razão bem parecida, pois, apesar dela considerar a proposição II como verdadeira, termina considerando indevidamente a proposição I como falsa; e
- a opção (e) é incorreta, porque considera as proposições I e II como falsas, quando deveria, de fato, assumir que elas são verdadeiras.

\*\_\*\_\*\_\*\*

### Ampliando a reflexão

Confira o seguinte texto:

- a resposta à questão 28, *sobre intuições e conceitos a priori em Kant*, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão: o Enade 2005 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206\\_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf](https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf)



## QUESTÃO 23

Em 2020, imagens de tartarugas nadando na Baía de Guanabara, em águas cristalinas, perto do Aeroporto Santos Dumont, viralizaram em redes sociais. O autor do vídeo afirma que o isolamento devido ao Coronavírus teria causado o reaparecimento de animais naquela região. No entanto, segundo especialistas, não é possível afirmar a relação entre a claridade da água e o aparecimento dos animais e a pandemia, pois a limpeza da água não foi causada pela quarentena, mas pela sobreposição de dois fenômenos que causaram a alta da maré. Entre os dias 5 e 6 de abril a maré subiu durante a lua cheia. O fenômeno é conhecido como maré de sizígia.

Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/15/tartarugas-sao-vistas-nadando-em-aguacristalina-perto-do-aeroporto-santos-dumont-no-rio.ghtml>. Acesso em: 19 maio 2020 (adaptado).

É correto afirmar que o trecho apresentado revela a ocorrência da falácia argumentativa de

- a) argumento contra o homem.
- b) conclusão irrelevante.
- c) petição de princípio.
- d) equívoco.
- e) falsa causa.**

**Resposta comentada:**

*Apesar de não parecer, a questão em apreço é uma questão de lógica. Sim, de lógica, mas de lógica informal; mais especificamente, é uma questão sobre falácias. A resposta correta é a letra (e), pelas seguintes razões.*

*Falácias são formas de raciocínio; porém, de raciocínio inválido. Elas surgem quando, à primeira vista, um argumento parece ser válido, mas, ao ser cuidadosamente examinado, revela-se não ser. Dito de outra forma, a conclusão de um raciocínio falacioso parece sustentada e suportada pelas premissas apresentadas, porém essas premissas não abalizam logicamente essa conclusão. Geralmente, as falácias são usadas intencionalmente com o propósito de enganar e ludibriar.*

*As falácias são classificadas em dois grupos: Formais e Informais (ou Não-formais). As primeiras surgem quando há, num argumento, um erro na forma lógica do raciocínio, ou seja, ocorrem quando certos padrões de inferências lógicas válidas são violados. Por outro lado, as falácias Informais não estão ligadas exclusivamente à forma lógica, e ocorrem quando, ao formular o argumento, há um descuido (intencional ou não), falta de atenção na abordagem de um tema específico, ou mesmo uma confusão causada por ambiguidades no uso da linguagem.*

*Ao contrário das Formais, as falácias Informais não são facilmente identificáveis. Muitas e diversas são as ocorrências das falácias Informais, e, por isso, elas são ser classificadas em vários tipos. Aqui, porém, não nos é possível relacionar todas. Contudo, para o nosso propósito quanto à resposta da questão, iremos considerar as falácias indicadas nas alternativas dadas.*

*Uma das falácias Informais mais populares é a falácia denominada Argumento Contra o Homem, comumente referida como falácia Ad Hominem. Ela é um raciocínio inválido que consiste em atacar pessoalmente um arguente, geralmente usando insultos ou mesmo*

difamando sua reputação, com o propósito de diminuir ou desacreditar a força de seu argumento. Dito de outra forma, essa falácia ocorre quando, em vez de contestar a veracidade do que foi afirmado, deflagra um ataque ou insulto à pessoa que fez a afirmação ou apresentou um argumento (Cf. COPI, 1978, p.75). Essa forma de argumentação é falaciosa porque o caráter pessoal de alguém é logicamente irrelevante para determinar a correção de um raciocínio ou a veracidade de uma afirmação. Por exemplo, seria uma falácia desse tipo se alguém rejeitasse a conclusão de outra pessoa sobre o rumo político do Brasil com base no argumento de que essa pessoa foi infiel à sua esposa.

A falácia de Conclusão Irrelevante, comumente conhecida como falácia “non sequitur”, que em latim significa “não segue”, ocorre quando a conclusão que se quer defender ou apresentar não decorre logicamente das premissas apresentadas para a fundamentar. Ou seja, a conclusão é irrelevante ou não está diretamente relacionada às premissas inicialmente fornecidas para a suportar ou a fundamentar. Essa falácia geralmente ocorre quando há uma mudança sutil de tema que não justifica a conclusão feita, ou mesmo quando se emprega evidências que não são totalmente impertinentes para sustentar a conclusão. Em resumo, a falácia de conclusão irrelevante é um erro lógico no qual a ligação entre as premissas e a conclusão não é válida ou logicamente significativa.

Já a Petição de Princípio, também chamado de Argumento Circular, é a falácia que ocorre quando a conclusão já está presumida nas premissas. Nesse caso, raciocina-se falaciosamente porque uma afirmação não pode fundamentar a sua própria veracidade. Foi Aristóteles quem primeiro destacou essa forma de raciocínio, cuja estrutura básica pode ser exemplificada pela expressão “p, então p”. A princípio, parece que esse raciocínio é válido, mas, logicamente, ele não é. Eis o exemplo de uma petição

de princípio: “Cometer assassinato é errado porque assassinar é errado”.  
Repare que nenhuma justificativa lógica é dada para suportar a conclusão.

Temos ainda a falácia de Equívoco, que ocorre quando, num argumento, se utilizam palavras ou expressões com significados diferentes, com o intuito de confundir e convencer os oponentes. Por exemplo: “Os contos de fadas são cheios de magia. A magia acontece na vida real. Portanto, os contos de fadas são reais”.

Por fim, encontramos a falácia de Falsa Causa, que ocorre quando um dado evento B acontece após um determinado evento A e, erroneamente, estabelece-se uma relação causal entre elas apenas porque ambos os eventos ocorreram próximos no tempo. Essa falácia também é conhecida como “non causa pro causa”, e sua variante principal é o “post hoc ergo propter hoc” (depois disso, portanto causado por aquilo).

Após essa breve exposição sobre tais falácia, percebemos claramente que a falácia envolvida no texto apresentado na questão é a falácia de Falsa Causa, porque, de fato, não há qualquer relação, causal ou não, entre, por um lado, a claridade da água e o aparecimento dos animais, e, por outro lado, a pandemia, uma vez que a limpidez da água da Baía de Guanabara, no ano de 2020, não foi um evento decorrente da ausências de pessoas na Baía por causa da pandemia, mas tal evento ocorreu exatamente pela existência e sobreposição de dois fenômenos distintos, que causaram a alta da maré, e isso resultou num outro fenômeno denominado de sizígia.

Portanto, a resposta da questão é a letra (e). Por conseguinte:

- A opção (a) é incorreta porque não há nenhum insulto ou difamando de alguém, com o propósito de diminuir ou desacreditar a força de seu argumento.
- A opção (b) é incorreta porque, apesar da conclusão apresentada ser irrelevante, ela não é fruto de uma mudança sutil de tema que não justifica a conclusão feita.
- A opção (c) é incorreta porque não há circularidade na argumentação.

- A opção (d) é incorreta porque não há nenhuma palavra com significado diferente nem qualquer ambiguidade na argumentação.

\* \_ \* \_ \*

## Ampliando a reflexão

Confira os seguintes textos:

- a resposta à questão 11, sobre as falácias, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão: o Enade 2005 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf)

- a resposta à questão 15, sobre o raciocínio circular, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão: o Enade 2011 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_357818c8e4664699938b09662177ffd7.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_357818c8e4664699938b09662177ffd7.pdf)

- a resposta à questão 24, sobre argumentos, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão: o Enade 2014 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_d71205222a8a41879ffa78728b3561e6.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_d71205222a8a41879ffa78728b3561e6.pdf)



## QUESTÃO 24

### TEXTO I

Fica manifesto, também, como todo o conhecimento está subordinado à teologia, e por isso ela assume os exemplos e utiliza a linguagem pertencentes a qualquer outro gênero de conhecimento.

DE BONI, L. A. **Filosofia Medieval**: textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 219-220  
(adaptado).

### TEXTO II

Mesmo que a metafísica se estenda ao ser supremo e às mais elevadas substâncias, para Boaventura a filosofia continua sendo o caminho para todo o saber verdadeiramente sábio; “quem trata de permanecer ali (isto é, na filosofia), acaba por incidir nas trevas”. Com isso, só há um lugar incontestável para a filosofia: cabe-lhe propor a pergunta sobre o fundamento da certeza de nosso conhecimento e ao mesmo tempo revelar seu alcance – à maneira de um sábio, até que o intelecto depare com os desígnios que orientam o ato de conhecer, e à maneira de um sábio, até que esses desígnios remetam o conhecimento a um princípio último e confirmem-lhe tranquilidade.

SPEER, A. Boaventura: A certeza do conhecimento.  
In: KOBUSCH, T. (org.). **Filosofia na Idade Média**.  
São Leopoldo: Unisinos, 2005, p. 246 (adaptado).

A partir do pensamento de Boaventura, avalie as afirmações a seguir.

I. A Teologia oferece o ponto de partida certo e seguro para as outras ciências, pois é a ciência do princípio último.

- II. A Filosofia é subordinada à teologia, pois é inferior quanto ao acesso ao conhecimento do princípio último.
- III. A Filosofia por si só é insuficiente para alcançar o saber verdadeiramente sábio, pois é um instrumento metodológico da Teologia.
- IV. A Teologia está acima das outras ciências por razões contextuais e políticas, pois as outras ciências não contribuem ao conhecimento do ser supremo.

É correto apenas o que se afirma em

- a) I e II.
- b) I e IV.
- c) II e III.**
- d) I, III e IV.
- e) II, III e IV.

\* \_ \_ \* \_ \_ \*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta desta questão é a opção (c), pois somente o que é dito nas afirmações II e III é que são verdadeiras. Senão, vejamos.*

*Em tese, a questão aqui proposta gira em torno da discussão sobre a relação entre o saber teológico e os demais saberes, sobretudo o saber filosófico. Trata-se, no fundo, do eterno embate entre a fé e a razão, mas com uma especificação: no pensamento de São Boaventura.*

*O contexto vivido por São Boaventura era bastante desafiador. O pensamento aristotélico era predominante e trazia não poucos debates sobre a relação e os limites entre a teologia e a filosofia. O ponto de partida de São Boaventura para entender essa relação é a certeza de que a teologia é a ciência do princípio último, isto é, Deus; e esta é a razão pela qual ela está acima das demais ciências, incluindo a filosofia. A teologia, portanto, se destinava à compreensão das verdades reveladas, e tal conhecimento, como*

*o próprio Boaventura enfatiza, não se limitava à especulação intelectual, mas derivava diretamente da revelação. Mesmo assim, para São Boaventura, a teologia não se constitui o ponto de partida certo e seguro para as outras ciências, mas apenas se destacava das demais por ter – se assim podemos dizer – Deus como o seu objeto de estudo.*

*Por outro lado, por ter um caráter fortemente especulativo e não ser capaz de tratar, de modo apropriado, o conhecimento acerca de Deus, a filosofia é um saber subordinado à teologia. De fato, para São Boaventura, a filosofia é um saber complementar à teologia, pois, do seu ponto de vista, ela é uma ferramenta muito útil para auxiliar na compreensão e na explicação das verdades reveladas e discutidas pela teologia, desde que exerça essa ajuda sempre subordinada à fé e à autoridade da revelação divina. Desse modo, a filosofia se apresenta como um poderoso instrumento metodológico para o fazer teológico.*

*Tenso isso em mente, ao voltarmos à questão, logo verificamos que, apenas o que é dito nas afirmações “II. A Filosofia é subordinada à teologia, pois é inferior quanto ao acesso ao conhecimento do princípio último”, e “III. A Filosofia por si só é insuficiente para alcançar o saber verdadeiramente sábio, pois é um instrumento metodológico da Teologia” é que são verdadeiras e, portanto, a resposta da questão é a letra (c). Por conseguinte:*

- A opção (a) é incorreta porque admite que aquilo que é dito em I é verdadeiro, quando, na verdade, é falso, uma vez que, apesar de ser a ciência do princípio último, a teologia não oferece o ponto de partida certo e seguro para as outras ciências.
- As opções (b) e (d) são incorretas porque admitem que aquilo que é dito nas afirmações I e IV é verdadeiro, quando, no fundo, é falso, uma vez que, mesmo sendo a ciência do princípio último, a teologia não oferece o ponto de partida certo e seguro para as outras ciências, e, mesmo estando acima das outras ciências, não foram razões contextuais e políticas que deram esse status à teologia.

- A opção (e) é incorreta porque admite que aquilo que é dito na afirmação IV é verdadeiro, quanto, no fundo, é falso, uma vez que, mesmo estando acima das outras ciências, não foram razões contextuais e políticas que deram esse status à teologia.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Para aprofundamento dessa questão, confira o artigo “Teoria do Conhecimento em São Boaventura”, de Ricardo Antonio Rodrigues.

**Link de acesso:**

[file:///C:/Users/wittg/Downloads/mpcenci,+Rodrigues\\_4%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/wittg/Downloads/mpcenci,+Rodrigues_4%20(1).pdf)

## QUESTÃO 25

### TEXTO I

A tragédia não é a imitação dos homens, mas das ações e da vida [tanto a felicidade como a infelicidade estão na ação, e a sua finalidade é uma ação e não uma qualidade: os homens são classificados pelo seu caráter, mas é pelas suas ações que são infelizes ou o contrário]. Aliás, eles não atuam para imitar os caracteres, mas os caracteres é que são abrangidos pelas ações. Assim, os acontecimentos e o enredo são o objetivo da tragédia e o objetivo é o mais importante de tudo. O temor e a compaixão podem, realmente, ser despertados pelo espetáculo e também pela própria estruturação dos acontecimentos, o que é preferível e próprio de um poeta superior. É necessário que o enredo seja estruturado de tal maneira que quem ouvir a sequência dos acontecimentos, mesmo sem os ver, se arrepie de temor e sinta compaixão pelo que aconteceu.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Sousa.  
2. ed. Imprensa Nacional (Casa da Moeda). 1990.  
Série Universitária. Clássicos de Filosofia (adaptado).

### TEXTO II

É aparentemente impossível dar conta do prazer que os espectadores de uma tragédia bem escrita recebem da tristeza, do terror, da ansiedade e de outras paixões que em si mesmas são incômodas e desagradáveis. Quanto mais são comovidos e afetados, mais se deliciam com o espetáculo e, assim que as paixões desagradáveis cessam sua influência, a peça chega ao fim. O máximo que uma composição deste tipo pode admitir é uma única cena de completa

alegria, contentamento e segurança, e é quase certo tratar-se sempre da cena final. Se na textura da peça forem introduzidas quaisquer cenas de satisfação, estas produzem apenas pálidas luzes de prazer, incluídas unicamente a título de variedade, e a fim de mergulhar os atores numa aflição mais profunda, por meio desse contraste e da decepção daí resultante. Toda a arte do poeta é usada para despertar e manter compaixão e indignação, a ansiedade e o ressentimento de seu público. Sentem prazer na mesma proporção em que se afligem, e nunca são tão felizes como quando soltam soluços, lágrimas e gritos para dar vazão a seus desgostos e aliviar seu coração dilatado pela mais terna simpatia e compaixão.

HUME, D. **Sobre a Tragédia**. Trad. de Marcio Suzuki e Pedro Pimenta. In: PIMENTA, P. (Org.)  
A arte de escrever ensaio e outros ensaios. São Paulo: Iluminuras, 2011, p. 163-171.

Considerando os textos apresentados, avalie as asserções a seguir e a relação assinalada entre elas.

I. Tanto para Aristóteles como para Hume, a tragédia afeta profundamente os espectadores, pois procura suscitar um “pathos”, isto é, uma violenta emoção ou paixão.

#### **PORQUE**

II. O enredo trágico apresenta um acontecimento terrível enfrentado e sofrido por um personagem, com o qual se identifica o espectador.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

**a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.**

- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### **Resposta comentada:**

*A resposta correta desta questão é a opção (a), pois ambas as asserções de fato são verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.*

*As tragédias são um gênero literário dramático, caracterizado por enredos complexos e grandiosos que discorrem sobre temas existenciais que tocam profundamente a vida humana, tais como: as vicissitudes cotidianas, o destino, a questão da liberdade, os conflitos humanos e a moralidade. De um modo geral, as tragédias descreviam a jornada de um herói trágico que, devido a uma falta ou falha fatal (em grego designada pelo termo hamartia), tinha que encarar inevitavelmente um destino desgraçado e de muito sofrimento.*

*De acordo com os textos apresentados no enunciado da questão, tanto Aristóteles quanto Hume admitiam que as tragédias afetam profundamente os espectadores e leitores. Para esses pensadores, isso ocorre porque as tragédias procuram, e não poucas vezes conseguem, suscitar um “pathos”, isto é, fortes sentimentos, emoções ou paixões em seus espectadores e leitores.*

*Para Aristóteles, especificamente, esse “pathos” pode, realmente, ser despertado tanto pelo espetáculo em si, bem como pela própria estruturação dos acontecimentos apresentados no enredo da tragédia. Para ele, aliás, ter essa capacidade de despertar tais sentimentos é uma das principais virtude de um poeta superior que, dependendo do modo como estruturava o enredo*

da tragédia, era capaz de gerar arrepios de temor e medo nos espectadores, mesmo que estes não visse, mas apenas ouvissem a sequência dos acontecimentos.

Hume partilha dessa mesma concepção. Para ele, é quase impossível uma tragédia bem escrita não gerar sentimento de tristeza, terror, medo, ansiedade, e outras paixões semelhantes, em seus espectadores. E quanto maior a identificação dos espectadores com os personagens apresentados no enredo, mais influência as cenas da tragédia exercem sobre eles. Para Hume, também, quanto mais habilidoso for o enredo do poeta, mais capacidade tem de despertar essas paixões em seus ouvintes.

Tendo isso em mente, fica evidente que as asserções “I. Tanto para Aristóteles como para Hume, a tragédia afeta profundamente os espectadores, pois procura suscitar um “pathos” e “II. O enredo trágico apresenta um acontecimento terrível enfrentado e sofrido por um personagem, com o qual se identifica o espectador” são verdadeiras, e a asserção II é uma justificativa correta da I. Por conseguinte:

- A opção (b) é incorreta porque, mesmo admitindo que as asserções I e II são verdadeiras, não corrobora a ideia de que a II é uma justificativa correta da I.
- A opção (c) é incorreta porque admite que a asserção II é uma proposição falsa, quando, na verdade, ela é verdadeira.
- A opção (d) é incorreta porque admite que a asserção I é uma proposição falsa, quando, na verdade, ela é verdadeira.
- A opção (e) é incorreta porque admite que as asserções I e II são falsas, quando, na verdade, elas são verdadeiras.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Confira os seguintes artigos:

- o artigo “A Hamartía Aristotélica e a Tragédia Grega”, escrito por Filomena Yoshie Hirata.

**Link de acesso:**

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5740385/mod\\_resource/content/1/hamart%C3%A9a.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5740385/mod_resource/content/1/hamart%C3%A9a.pdf)

- o artigo “A Tragédia em Hume e a Dimensão Qualitativa das ideias”, escrito por Andrea Cachel.

**Link de acesso:**

<https://revista.estudoshumanos.com/wp-content/uploads/2020/04/v.7.n2.2019.4.55-72.pdf>



## QUESTÃO 26

Com estes meus olhos vi coisas terríveis e nunca recuei apavorado, mas sei muito bem que, embora as afrontasse sem medo, não se segue daí que a minha coragem não me venha da fé, nem com ela se pareça em nada. Não posso realizar o movimento da fé, não posso cerrar os olhos e lançar-me de cabeça, pleno de confiança, no absurdo; tal coisa é impossível, mas não me vanglorio por isso. Possuo a certeza de que Deus é amor; este pensamento tem, para mim, valor lírico fundamental. Presente em mim a certeza, sinto-me inefavelmente ditoso; ausente, suspiro por ela muito mais ansiosamente do que a amante pelo objeto do seu amor; mas não tenho fé; não tenho essa coragem. O amor de Deus é, para mim, a um tempo na razão direta e na razão inversa, incomensurável com toda a realidade. Mas nem por isso tenho a fraqueza de me entregar a lamentações nem a perfídia de negar que a fé seja algo de muitíssimo elevado. Não importuno Deus com mesquinhas inquietações; não me preocupa o detalhe, fixo os olhos unicamente no meu amor, cuja chama, clara e virginal, guardo dentro de mim; confia a fé em que Deus cuida das mínimas coisas.

KIERKEGAARD, S. **Temor e tremor**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (adaptado).

À luz do pensamento de Kierkegaard e considerando as informações apresentadas, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

I. O movimento da fé desvela, em última análise, uma situação de absurdo.

### PORQUE

II. As ações daquele que crê põem à prova a onipotência divina.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.**
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### Resposta comentada:

*A resposta correta para esta questão é a opção (c), considerando que, de acordo com o pensamento de Kierkegaard, das asserções I e II, a primeira expressa uma proposição verdadeira, mas a II expressa uma proposição falsa. Realmente, como se sabe, Kierkegaard, em Temor e Tremor, faz uma distinção entre fé e resignação, por meio das figuras do cavaleiro da fé e o cavaleiro da resignação. Abraão é o cavaleiro da fé; ele se resigna, aceita e sobe a montanha para entregar o filho Isaque, mas não para na resignação, ele a ultrapassa e se torna o cavaleiro da fé. Sócrates, pelo contrário, é o resignado que se defende sem se defender; ele questiona seus juizes, mas não faz questão de viver, se abandona, mas não chega à fé.*

*O cavaleiro da fé atravessa a resignação. Para ele a fé não é irracional, ela é justamente o salto da razão que mergulha no absurdo, penetra-o e adora-o em incomensurabilidade. Se Abraão tivesse permanecido resignado, ele teria entregado Isaque como abandono radical, sem esperança de*

*recuperá-lo. Tudo estaria perdido, tudo acabaria ali em Moriá. Mas Abraão, diferentemente de um resignado último, se abre ao despojamento de tudo, confiando, o tempo todo, que voltará do monte com seu filho. Ele experimenta o desafio de realizar o movimento da fé, cerrar os olhos, lançar-se de cabeça, pleno de confiança, no absurdo, e ele vence. Por isso, sua fé é um movimento que desvela a força e a situação do absurdo; ela é uma manifestação de credo quia absurdum, porque se não fosse absurdo, não seria necessário crer.*

*Em contrapartida, sendo a fé uma aposta pessoal em Deus, o Sentido ou o Desconhecido, ela se constitui numa relação plena que, embora não seja irracional, não depende de certezas racionais. A fé é a relação de aceitação e de reconhecimento de Deus, que leva o ser humano à vida autêntica. Ela leva o ser humano à verdadeira submissão, que não é mera resignação a Deus e ao amor por ele ensinado. Sem a fé, o ser humano destrói sua vida e naufraga no desespero, porque dá preferência às coisas do mundo e as coloca no lugar de Deus.*

*Por conseguinte:*

- a opção (a) é incorreta, uma vez que considera as asserções I e II como proposições verdadeiras, e considera que a asserção II é uma justificativa correta da I, quando, de fato, a proposição II é falsa, e não fundamenta a proposição I;
- a opção (b) é incorreta, porque, apesar de admitir que a proposição II não é uma justificativa correta da proposição I, ela também considera as asserções de I e II como proposições verdadeiras, quando apenas a asserção I é verdadeira;
- a opção (d) é incorreta, pois, como se pode ver, ela inverte a ordem dos valores de verdade ao considerar a asserção I como sendo afirmação de uma proposição falsa, e a asserção de II como sendo afirmação de uma proposição verdadeira, quando é, exatamente, o contrário; e
- a opção (e) também é incorreta, visto que considera as asserções I e II como expressando proposições falsas, quando deveria afirmar que apenas a asserção II expressa uma falsidade.

\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Confira a seguinte publicação: “Fé e Razão no Pensamento de Kierkegaard”, do professor Vinicius Xavier Hoste.

**Link de acesso:** <https://www.theoria.com.br/edicao17/01172015RT.pdf>

## QUESTÃO 27

Os três pensamentos [arte, filosofia e ciência] se cruzam, se entrelaçam, mas sem síntese nem identificação. A filosofia faz surgir acontecimentos com seus conceitos, a arte ergue monumentos com suas sensações, a ciência constrói estados de coisas com suas funções. Um rico tecido de correspondências pode estabelecer-se entre os planos, mas a arte, a ciência e a filosofia exigem mais: traçam planos sobre o caos. Essas três disciplinas não são como as religiões, que invocam dinastias de deuses, ou a epifania de um deus único, para pintar sobre o guarda-sol um firmamento, como as figuras de uma Urdoxa de onde derivariam nossas opiniões. A filosofia, a ciência e a arte querem que rasguemos o firmamento e que mergulhemos no caos. Só o venceremos a este preço.

DELEUZE, G, GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?**

São Paulo: Editora 34, p. 253-257 (adaptado).

Considerando as informações apresentadas, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

I. Arte, filosofia e ciência impossibilitam uma efetiva comunicação e interlocução entre si.

### **PORQUE**

II. Os três planos de pensamento (arte, filosofia e ciência) constituem modos distintos de enfrentar o caos, fazendo dele matéria para a sua respectiva criação.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.**
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

\* \_ \* \_ \*

### **Resposta comentada:**

*A resposta correta desta questão é a opção (d), pois, de fato, a asserção I é falsa e a II, verdadeira.*

*O exercício aqui proposto é um tipo de tarefa em que uma leitura atenta do enunciado da questão já nos dá o caminho seguro para a resposta correta. O texto trata da concepção de Félix Guattari, filósofo e psicanalista francês, acerca da relação de três domínios do pensamento, a saber, a filosofia, a arte e a ciência. Guattari tem uma visão interdisciplinar e complexa dessas formas de pensamento. Para ele, essas instâncias não são domínios isolados e independentes um do outro, mas sim campos de atividade interligados que se influenciam mutuamente.*

*Do seu ponto de vista, portanto, tanto a filosofia, quanto a arte e a ciência são formas de enunciação que não se reduzem umas às outras. Apesar de cada uma delas possuir sua própria lógica e metodologia específicas, todas contribuem para a criação de um campo de experiência comum. Como o próprio texto nos informa, a filosofia é caracterizada por fazer surgir acontecimentos por meio de conceitos; a arte é caracterizada por soerguer monumentos com suas sensações; e a ciência é caracterizada por construir a partir de suas funções, estados de coisa. O resultado da*

*interação entre esses domínios é uma proeminente e rica tessitura de correspondências entre os três planos de pensamento.*

*Contudo, a correspondência entre esses planos exigem algo mais: eles não se satisfazem em si mesmos nem com a relação entre si, e, por isso, se direcionam a encarar o que Guattari chama de caos. Na verdade, esses domínios traçam planos sobre o caos, e, diferentemente das religiões, eles julgam ter a tarefa de mergulhar no caos, embora, claro, cada um o encare de sua própria maneira, considerando a sua própria lógica e metodologia.*

*Dito isso, podemos dizer que a asserção I é falsa, porque, para Félix Guattari, a arte, a filosofia e a ciência mantêm, entre si, uma efetiva comunicação e interlocução; e a asserção II é verdadeira porque, de fato, para ele, esses domínios constituem modos distintos de enfrentar o caos, fazendo dele matéria para as suas respectivas criações. Por conseguinte:*

- *As opções (a), (b) e (c) são incorretas porque admitem que a asserção I é verdadeira, quando, de fato, ela é falsa, uma vez que, para Guattari, a arte, a filosofia e a ciência mantêm, entre si, uma efetiva comunicação e interlocução*
- *A opção (e) é incorreta porque admite que a asserção II é falsa, quando, na verdade, ela é verdadeira, uma vez que, para Guattari, a arte, a filosofia e a ciência constituem, de fato, modos distintos de enfrentar o caos, fazendo dele matéria para as suas respectivas criações.*

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Confira o artigo “A Caosmose de Félix Guattari: paradigma estético, criação política e filosofia”, escrito por Vladimir Moreira Lima.

**Link de acesso:**

<https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/37284/pdf>



## QUESTÃO 28

### TEXTO I



PICASSO, P. **Bottle of Vieux Marc, Glass, Guitar and Newspaper**. Papier Collé, 1913. (Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/art-terms/p/papier-colle>. Acesso em: 14 maio 2020 (adaptado)).

### TEXTO II

O que distingue essa obra das técnicas de pintura praticadas desde o Renascimento é a incorporação de fragmentos de realidade, ou seja, de materiais que não foram elaborados pelo artista. Assim se destrói a unidade da obra como produto absoluto da subjetividade do artista. Deste modo, violenta-se um sistema de representação que se baseia na reprodução da realidade, quer dizer, no princípio segundo o qual a tarefa do artista é a transposição dessa mesma realidade.

BÜRGER, P. **Teoria da vanguarda**. Trad. Ernesto Sampaio. Lisboa: Vega, 1993, p.128 (adaptado).

Considerando as informações apresentadas no texto de Peter Bürger e a obra de Pablo Picasso, avalie as afirmações a seguir.

- I. A revolução operada por Picasso na composição em questão constitui na reafirmação da unidade da obra de arte, em crise desde o Renascimento.
- II. Ao inserir o fragmento do real na obra, Picasso retoma a tradição do realismo, uma das principais tendências das artes plásticas da modernidade.
- III. Ao trazer para a composição a técnica da colagem, Picasso faz uso de elementos de outras linguagens artísticas.
- IV. A obra é um marco das vanguardas artísticas, cujas principais tendências são o futurismo, o dadaísmo, o cubismo e o surrealismo.
- V. A obra rompe com a tradição Renascentista ao abandonar a exigência da representação do real e inserir na tela fragmentos da própria realidade.

É correto apenas o que se afirma em

- a) I e V.
- b) I, II e III.
- c) I, II e IV.
- d) II, III e IV.
- e) III, IV e V.**

\* \_ \_ \* \_ \_ \*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta para esta questão é a opção (e), haja vista que, das cinco asserções feitas acima, apenas III, IV e V podem ser corretamente afirmadas como verdadeiras. As asserções de I e II apresentam falsidades.*

*De fato, como se sabe, Pablo Picasso é considerado um dos maiores nomes da arte moderna, amplamente reconhecido por seu gênio inventivo, pioneiro e revolucionário, cujo estilo redefiniu os padrões da expressão artística de modo inovador, e não pela reafirmação da unidade da obra. Ele*

fez, exatamente, um movimento contrário ao do realismo artístico, que exerceu significativa crítica à sociedade burguesa da época, ao procurar traduzir a realidade vivida pelas pessoas com o máximo de aproximação possível da realidade, em nitidez e clareza.

A revolução desencadeada por Picasso na cultura artística alterou e ampliou radicalmente as linguagens artísticas. O marco decisivo dessa guinada inaugura o surgimento do cubismo, em 1907, com a célebre tela *Les Femmes d'Alger (O Jovem Orelha Vermelha)* (As damas d'Avignon), representadas de modo inovador em três dimensões. E a partir de então, o cubismo se consolida como estilo que abre mão da perspectiva tradicional de linhas e contornos reais, visando a provocar uma experiência que poderíamos chamar de “pintura escultural”.

Deve-se notar ainda que o cubismo faz parte dos chamados “movimentos de vanguarda”, ao lado do futurismo, do dadaísmo e do surrealismo. O futurismo, surgido com a publicação do *Manifesto Futurista*, de Filippo Tommaso Marinetti, no contexto de tensão que antecedeu a Primeira Guerra Mundial e de uma crescente evolução tecnocientífica, propôs uma radical superação do passado. O dadaísmo, cujo nome é derivado da palavra “dada”, que pode ter múltiplos significados e não significar coisa alguma, contesta os valores culturais de uma racionalidade dominante, privilegia a ausência de significado e a arte espontânea. E o Surrealismo que, privilegiando imagens aparentadas com sonhos ilógicos, a exemplo das que são retratadas pelo pintor Salvador Dalí, acentua a contemplação e representação do inconsciente humano.

No plano conceitual, o cubismo ainda se destaca como arte que valoriza o exercício mental como maneira de expressão das ideias. A natureza e a realidade passam a ser retratadas de modo simplificado.

O uso inovador da colagem que é feito por Picasso, resultando na incorporação de materiais não artísticos, como garrafas e pedaços de

*jornais, por exemplo, cria uma dimensão nova e significativa que agita a interação entre arte e vida cotidiana. Na obra intitulada “Bottle of Vieux Marc, Glass, Guitar and Newspaper”, destacada no escopo dessa questão, por exemplo, ele retrata uma colagem com tinta sobre papel que apresenta uma coleção de elementos fragmentados e ajuntados de maneira provocativa. Ela parte do conceito de montagem, que é central nas colagens do cubismo, realçando a ruptura com a técnica de pintura praticada desde o Renascimento, e a incorporação de fragmentos de realidade. Quebra-se, assim, a unidade da obra como produto absoluto da subjetividade do artista. O pedaço de jornal que Picasso cola num quadro pode ser escolhido de acordo com uma intenção de composição; como pedaço de jornal, continua a fazer parte da realidade, e incorpora-se no quadro tal qual, sem sofrer alterações essenciais.*

*Por conseguinte:*

- a opção (a) é incorreta porque ela, apesar de admitir a asserção de V como correta, negligencia a verdade das asserções III e IV, e afirma, erroneamente, a verdade da asserção da proposição I, que é falsa;
- a opção (b) é incorreta porque ela, apesar de admitir a asserção de III como correta, negligencia a verdade das asserções IV e V, e afirma, erroneamente, a verdade das proposições I e II, que são falsas;
- a opção (c) é incorreta porque, de modo bem similar, ela admite a asserção de IV como correta, mas negligencia a verdade das asserções III e V, e afirma, erroneamente, a verdade das proposições I e II, que são falsas; e
- a opção (d) também é incorreta, pois, apesar de afirmar as proposições III e IV, que são verdadeiras, ela negligencia a verdade da proposição V, e ainda afirma a verdade da proposição II, que é falsa.

## **Ampliando a reflexão**

*Confira o seguinte texto:*

- a resposta à questão 14, sobre arte e padrões de gosto, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão: o Enade 2017 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2023.

**Link de acesso:**

<https://www.editorafi.org/ebook/a048-filosofia-questao>



## QUESTÃO 29

Ainda que o mundo como um todo ganhe com a formação separada das forças humanas, é inegável que os indivíduos atingidos por essa formação unilateral sofram sob a maldição desse fim universal. Ainda que o exercício ginástico forme corpos atléticos, somente o jogo livre e regular dos membros desenvolve a beleza. Assim também a tensão de forças espirituais isoladas gera homens extraordinários, mas apenas a temperatura uniforme das mesmas os faz felizes e perfeitos.

SCHILLER, F. **A educação estética da humanidade.**

Trad. Márcio Suzuki.

São Paulo: Iluminuras, 1989, p. 40-41 (adaptado).

A partir do texto apresentado, é correto afirmar que o projeto de educação proposto por Schiller é fundamentado no belo da arte, porque a beleza

- a) é capaz de restituir a ligação do ser humano fragmentado com a divindade, fazendo-o sentir-se novamente em harmonia com o cosmos.
- b) forma a humanidade restituindo à parte sua ligação com o todo, ao ser colocada em atividade plástica e regular as capacidades humanas em sua integralidade.**
- c) permite ao ser humano o acesso à totalidade por meio de uma privilegiada fenomenologia da percepção, o único meio pelo qual é possível atingir a liberdade política.
- d) possibilita, sobretudo em sua acepção antiga de harmonia, a formação do indivíduo por meio de uma depuração de tudo o que é excessivo e maléfico.
- e) propicia ao indivíduo realizar a análise de suas faculdades mentais, aprendendo com isso aplicar cada uma delas a seu objeto específico.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

**Resposta comentada:**

A resposta correta para esta questão é a opção (b), pois, como se sabe, na formação do ser humano proposta por Friedrich Schiller, cujo ápice é a educação estética, a beleza é responsável pela restauração do homem. Ela harmoniza o desenvolvimento integral das capacidades humanas e as capacita à liberdade.

De fato, Schiller considera que o ser humano dispõe de dois instintos fundamentais, a saber, o instinto material, que o liga à sua condição material e temporal, e o instinto voltado para a forma, que é reflexo de sua racionalidade. Esses instintos pode conflitar, e um pode ser privilegiado em relação ao outro, desviando o homem de sua audiência realização, quando o certo é buscar a harmonia dos dois, integrando o instinto material, que é vida, e o instinto de forma, na construção da harmonia, que é a beleza, a forma viva.

O resultado central da posição de Schiller é um projeto de formação para a liberdade, uma educação estética, cujo ápice é a beleza e sua função harmonizadora. No foco de sua proposta está a preocupação com o amor à liberdade em todas as formas, com a política social e com a moral. Educar para liberdade é educar para o belo em todas as suas manifestações; educar para as manifestações da beleza é educar para a liberdade.

Por conseguinte:

- a opção (a) é incorreta, haja vista que o projeto de Schiller visa harmonia da pessoa humana em todas as suas dimensões, não com a divindade ou com o cosmos, num sentido naturalista;

- a opção (c) é incorreta, uma vez que ela projeta uma atenção de privilégio à percepção que destoa da harmonia almejada por Schiller;
- a opção (d) é incorreta, porque a harmonia provinda da educação estética provém do equilíbrio do instinto material com o instinto da forma, e não que é excessivo e maléfico;
- a opção (e) também é incorreta, pois a educação para a beleza propicia ao indivíduo a harmonia de todo o seu ser, e não de suas faculdades mentais apenas, como uma governança da razão sobre o corpo.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Confira o seguinte texto:

- a resposta à questão 12, *sobre a educação estética do homem em Schiller*, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão: o Enade 2014 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_d71205222a8a41879ffa78728b3561e6.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_d71205222a8a41879ffa78728b3561e6.pdf)



## QUESTÃO 30

Entre os entes, uns são por natureza, outros são por outras causas; por natureza são os animais e suas partes, bem como as plantas e os corpos simples, isto é, terra, fogo, ar e água, e todos eles se manifestam diferentes em comparação com os que não se constituem por natureza, pois cada um deles tem em si mesmo princípio de movimento e repouso — uns, de movimento local, outros, de crescimento e definhamento, outros, de alteração; por outro lado, cama e veste, bem como qualquer outro gênero desse tipo, na medida em que encontram suas respectivas designações, isto é, enquanto resultam da técnica, não têm nenhum impulso inato para a mudança, pois a natureza é certo princípio ou causa pela qual aquilo em que primeiramente se encontra se move ou repousa em si mesmo e não por concomitância.

ARISTÓTELES. **Física I e II**. Campinas: Unicamp, 2009. p. 43 (adaptado).

Em relação à filosofia da natureza de Aristóteles e considerando as informações apresentadas, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

- I. Conhecer os entes por natureza implica reconhecer seu princípio extrínseco tanto a respeito do seu deslocamento como da sua geração e corrupção.

### **PORQUE**

- II. Entes por natureza se distinguem de coisas originadas pela técnica, por terem em si mesmo o princípio de seu movimento e repouso.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.**
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

\* \_ \* \_ \*

### Resposta comentada:

*A resposta correta desta questão é a opção (d), pois, de fato, a asserção I é falsa e a II, verdadeira. Vejamos os porquês.*

*A questão tem como temática central a Filosofia da Natureza de Aristóteles. As principais reflexões aristotélicas sobre esse tema se encontram sobretudo, mas não exclusivamente, na sua Física. Nessa obra, Aristóteles expõe o quadro teórico geral da sua teoria física, fundamentando-a em conceitos importantes, tais como: substância, movimento, espaço e tempo. Trata-se, se assim podemos dizer, de uma teoria cosmológica que consiste, em tese, na descrição da composição, configuração hierárquica e funcionamento do universo.*

*Em suas discussões sobre o modo de existência dos entes que constituem a realidade, o filósofo estagirita defende a ideia de que há, entre os entes, uns que são por natureza, outros que são por outras causas. Os que são por natureza, a exemplo dos animais, plantas e corpos simples, tais como: terra, fogo, ar e água, diferem dos que não são por natureza porque têm, em si mesmos, o princípio de movimento e repouso. Esse princípio é um princípio intrínseco, que determina o funcionamento natural desses entes;*

por isso, conhecer esse princípio é fundamental para o conhecimento dos entes por natureza. No quadro geral da teoria de Aristóteles, esse princípio está associado à causa final e teleológica dos próprios entes.

Por outro lado, também encontramos aqueles entes que não são por natureza. Esses, à semelhança de uma mesa ou de um livro, resultam de uma arte, da aplicação de uma técnica, e, portanto, de uma ação extrínseca. Tais entes não têm, exatamente por isso, nenhum impulso inato para a mudança, ou seja, eles não possuem, como os entes que são por natureza, o princípio de seu movimento e repouso.

Tendo em mente essas informações, não demoraremos muito para perceber que a asserção I é falsa porque afirma que “conhecer os entes por natureza implica reconhecer seu princípio extrínseco” quando, na verdade, seria reconhecer o seu princípio intrínseco, ou seja, aquilo que lhes é inato para mudança; e a asserção II é verdadeira porque, de fato, os “entes por natureza se distinguem de coisas originadas pela técnica, por terem em si mesmo o princípio de seu movimento e repouso”. A resposta, portanto, é a letra (d). Por conseguinte:

- As opções (a), (b) e (c) são incorretas porque admitem que a asserção I é verdadeira, quando, de fato, ela é falsa, pelas razões acima apresentadas.
- A opção (e) é incorreta porque admite que a asserção II é falsa, quando, na verdade, ela é verdadeira, pelas razões acima apresentadas.

\* \*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Confira o artigo “A Filosofia da Natureza”, de Lucas Angioni.

**Link de acesso:** <https://cienciaeambiente.com.br/shared-files/2278/?005-015.pdf>



## QUESTÃO 31

Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade, transtorno de personalidade limítrofe ou a Síndrome de Burnout determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas infartos provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade. Assim, eles escapam a qualquer técnica imunológica, que tem a função de afastar a negatividade daquilo que é estranho. A dialética da negatividade é o traço fundamental da imunidade. O imunologicamente outro é o negativo, que penetra no próprio e procura negá-lo. Nessa negatividade dos outros o próprio sucumbe, quando não consegue, de seu lado, negar àquele. O próprio afirma-se no outro, negando a negatividade do outro. Também a profilaxia imunológica, portanto a vacinação, segue a dialética da negatividade. Introduce-se no próprio apenas fragmentos dos outros para provocar a imunorreação. Nesse caso, a negação da negação ocorre sem perigo de vida, visto que a defesa imunológica não é confrontada com o outro, ele mesmo. Deliberadamente, faz-se um pouco de autoviolência para proteger-se de uma violência ainda maior, que seria mortal. O desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatividades. É bem verdade que os adoecimentos neuronais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética da negatividade, mas da positividade. São estados patológicos devidos a um exagero de positividade.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 13-14 (adaptado).

À luz do pensamento de Byung-Chul Han, avalie as afirmações a seguir.

- I. A negatividade enfraquece a constituição da identidade mediante o confronto com a alteridade, pois o si mesmo somente se constitui mediante a imunização.
- II. As doenças neuronais do século XXI se constituem como modelos do excesso de positividade, pois sem o negativo, não há a possibilidade de escape para fora do mesmo.
- III. A dialética da negatividade mostra a constituição da identidade na relação com a alteridade, pois sem o outro o si mesmo não se constitui e, no excesso de positividade, que é o mesmo, a identidade tende a desaparecer.
- IV. A dialética da negatividade mostra-se como uma ação de fuga para o mesmo, pois implica o desdobramento da positividade em mais do mesmo.

É correto apenas o que se afirma em

- a) I e II.
- b) II e III.**
- c) III e IV.
- d) I, II e IV.
- e) I, III e IV.

\* \_ \_ \* \_ \_ \*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta desta questão é a opção (b), pois somente o que se é dito nas afirmações II e III é que está correto.*

*A questão sob análise apresenta uma importante discussão filosófica, e o faz sob a égide do pensamento do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Han assumiu certo protagonismo na filosofia contemporânea devido às suas pertinentes análises críticas acerca da sociedade atual, especificamente*

sobre a condição humana na era digital e o bem-estar psicológico dos indivíduos. Em seu diagnóstico sobre o esgotamento mental e sobre a depressão que acometem o homem contemporâneo, Han destaca que a Síndrome de Burnout é uma condição comum na sociedade do século XXI, sendo fruto das exigências e pressão hodiernas para alcançar produtividade e felicidade contínuas. Segundo ele, é precisamente essa a causa de depressão e outros distúrbios mentais.

Para melhor compreendermos o pensamento de Han, bem como a sua crítica à configuração social atual, precisamos saber o que ele entende pelos termos “positividade” e “negatividade”. Ele usa o termo “positividade” para denotar o fenômeno cultural e psicológico predominante na sociedade atual, que exige que os indivíduos contemporâneos sejam constantemente produtivos, otimistas e eficientes. Diz respeito, portanto, àquela demanda cultural para que todos, indistintamente, tenham sucesso e sejam, em tudo, bem-sucedidos e vitoriosos. Han critica essa cultura de positividade e denuncia que é exatamente ela que tem adoecido os indivíduos, bem como as suas relações entre si, na sociedade atual.

O conceito de negatividade, por sua vez, é entendido por ele como uma instância necessária para a reflexão profunda e crítica dessa realidade, que vai numa direção oposta à da positividade, porque é um espaço para o fracasso, para a derrota, para o pessimismo, etc. É, portanto, o espaço para a saída da mesmice provocada pela positividade.

Para Han, a sociedade contemporânea segue uma dialética, mas a dialética da positividade, na qual todos os adoecimentos neuronais do século XXI estão alicerçados. Porém, na relação entre si, os indivíduos devem entrar em outro processo dialético, denominado por Han de “dialética da negatividade”. Trata-se de um processo de pensamento crítico que confronta a predominância da positividade na sociedade contemporânea.

*Esse processo não é, portanto, uma fuga, mas é o único caminho para o enfrentamento da realidade, se quisermos superá-la.*

*Convém notar que, nesse processo, a negatividade fortalece a constituição da identidade de cada indivíduo mediante o confronto com o outro, e, desse confronto, tem-se a abertura para a saída na mesmice, pois, sem o outro, não seria possível mostrar o “si mesmo” de cada indivíduo. “O próprio afirma-se no outro”, diz Byung-Chul Han.*

*Com essas informações, podemos julgar as afirmações da questão e constatar que somente as afirmações II e III é que são verdadeiras; e, portanto, a resposta certa é a letra (b). Por conseguinte:*

- As opções (a), (d) e (e) são incorretas porque admitem que a asserção I é verdadeira, quando, na verdade, ela é falsa, pois a negatividade não enfraquece a constituição da identidade mediante o confronto com a alteridade.
- A opção (c) é incorreta porque admite que a asserção IV é verdadeira quando, na verdade, ela é falsa, pois a dialética da negatividade não se mostra como uma ação de fuga para o mesmo, pelo contrário, é, talvez, a sua saída.

\*\_\_\*\_\_\*

### **Ampliando a reflexão**

*Confira o artigo “Considerações sobre a Sociedade do Desempenho e o problema da alteridade em Byung-Chul Han”, escrito por Camila Braga e Leandro Pinheiro Chevitarese.*

#### **Link de acesso:**

<http://www.revistasisifo.com/2022/03/consideracoes-sobre-sociedade-do.html>

## QUESTÃO 32

Examinemos, pois, esse ponto: Deus é, ou não é. Para que lado penderemos? A razão nada pode determinar. Há um caos infinito que nos separa. Na extremidade dessa distância infinita, joga se cara ou coroa. Que apostareis? Pela razão, não podeis defender nem uma nem outra coisa. Não acuseis, pois, de falsidade os que fizeram uma escolha. “Não: mas, eu os acusarei de terem feito, não essa escolha, mas uma escolha; porque, embora o que prefere coroa e o outro estejam igualmente em falta, o justo é não apostar”. Sim, mas é preciso apostar: isso não é voluntário; sois obrigados a isso. Que tomareis, pois? Forçame a apostar, e não estou em liberdade; não me soltam, e sou feito de tal maneira que não posso crer. Que quereis, pois, que eu faça? É verdade. Mas, conheci ao menos a vossa impotência para crer, já que a razão a isso vos conduz; trabalhai, pois, não para vos convencerdes pelo aumento das provas de Deus, mas pela diminuição das vossas paixões. Quereis chegar à fé, mas ignorais o caminho; quereis curar-vos da infidelidade, mas pedis os remédios: aprendei com os que estiveram atados como vós e que apostam agora todo o seu bem; são pessoas que se curaram do mal de que desejais curar-vos. Segui a maneira pela qual começaram: fazendo como se acreditassem, tomando água benta, mandando dizer missas etc. Naturalmente, isso vos fará crer e vos embrutecerá. Mas, é o que receio. E por quê? Que tendes que perder?

PASCAL, B. **Pensamentos**. Trad. Mário Laranjeira.  
São Paulo: Martins Fontes, 2005 (adaptado).

Considerando o texto apresentado, avalie as afirmações a seguir.

- I. A crescente valorização da razão expõe a fragilidade da fé, reduzindo sua importância social cada vez mais restrita e contestada.
- II. A aposta de Pascal não se destina a provar a existência de Deus, mas sim a vantagem daquele que crê em relação àquele que não crê, e vive desprovido de fé.
- III. A impossibilidade de se demonstrar a existência de Deus mostra a superioridade da razão sobre a crença.
- IV. O caminho para a fé em Deus está na perseverança demonstrada por aquele que quer acreditar.

É correto apenas o que se afirma em

- a) I e III.
- b) I e IV.
- c) II e IV.**
- d) I, II e III.
- e) II, III e IV.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta desta questão é a opção (c), pois, de fato, somente o que se é dito nas afirmações II e IV é que está correto.*

*A questão gira em torno da famosa “aposta de Pascal”. Essa proposta pascalina é considerada por muitos como um argumento pragmático, cujo principal objetivo é fornecer uma justificativa racional para decidir se se deve ou não acreditar em Deus, mesmo na ausência de provas definitivas.*

*O ponto de partida de Pascal é que, diante da incerteza sobre a existência de Deus, o melhor e mais razoável caminho a ser adotado é o de uma escolha sobre a crença ou descrença em Deus. O cerne de sua argumentação está na ideia segundo a qual as consequências de acreditar*

*em Deus e estar errado são menores do que as consequências de não acreditar em Deus e estar errado. Assim, a aposta não se destina a provar a existência de Deus, mas sim a vantagem daquele que crê em relação àquele que não crê e que vive sem fé.*

*Um dado curioso, quanto à isso, é que, para Pascal, essa não é uma escolha, uma opção, mas uma obrigação. Para quem julga que não precisa apostar, ele diz: “Sim, mas é preciso apostar: isso não é voluntário; sois obrigados a isso”. Convém notar ainda que a sugestão da aposta decorre da alegada incapacidade da razão em determinar se Deus é ou não. Ou seja, essa impossibilidade de demonstrar a existência de Deus deixa claro que a razão é limitada e incapaz de constatar aquilo que a fé tem a certeza.*

*Desse modo, por mais que se valorize a razão, tal atitude nunca será capaz de manifestar a fragilidade da fé, porque, quanto à existência de Deus, a fé é o único meio de se obter certeza. Escusado será dizer que o caminho para a fé em Deus está na perseverança demonstrada por aquele que quer acreditar. Nesse sentido, Pascal é considerado um fideísta.*

*Desse modo, ao julgarmos as afirmações ressaltadas no enunciado da questão, claramente vemos que somente o que está dito nas afirmações II e IV é que é correto. Portanto, a resposta da questão é a letra (c). Por conseguinte:*

- As opções (a) e (d) são incorretas porque admitem que tanto a afirmação I quanto a III são verdadeiras, quando, no fundo, elas são falsas. A I é falsa porque a impossibilidade demonstrar a existência de Deus não mostra a superioridade da razão sobre a crença; e a III é falsa por admite que a valorização da razão expõe a fragilidade da fé, quando, na verdade, a fragilidade da fé nunca poderá ser demonstrada por qualquer valorização da razão.
- A opção (b) é incorreta porque admite que a proposição I é verdadeira, quando, na verdade, ela é falsa, porque a fragilidade da fé nunca poderá ser demonstrada por qualquer valorização da razão.

- A opção (e) é incorreta porque admite que a proposição III é verdadeira, quando, na verdade, ela é falsa, porque a impossibilidade demonstrar a existência de Deus não mostra a superioridade da razão sobre a crença.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Confira o artigo “Considerações sobre a aposta de pascal”, escrito por Luís César Guimarães Oliva.

**Link de acesso:** <https://www.revistas.usp.br/epinosanos/article/view/159442/154219>

## QUESTÃO 33

Considere a proposição a seguir.

Brasília é a capital do Brasil OU Lima é a capital do Peru.

O símbolo do cálculo proposicional relativo à proposição é

a)  $p \wedge q$ .

**b)  $p \vee q$ .**

c)  $p \sim q$ .

d)  $p \rightarrow q$ .

e)  $p \leftrightarrow q$ .

\*\_\*\_\*\_\*\*

### Resposta comentada:

A resposta correta desta questão é claramente a opção (b), pois, de acordo com a regras de simbolização utilizadas na lógica proposicional, esta é a única opção correta dentre as alternativas apresentadas.

A lógica proposicional, como o próprio nome diz, é a lógica das proposições. Segundo Gensler (2016, p. 147), ela é a lógica que “estuda argumentos cuja validade depende de um ‘se-então’, ‘e’, ‘ou’, ‘não’ e noções similares”.

A lógica proposicional tem uma linguagem própria, a chamada “linguagem proposicional”, constituída dos símbolos proposicionais. Dentre os símbolos proposicionais encontramos as letras sentenciais e os conectivos lógicos. As letras sentenciais são letras do nosso alfabeto (a, b, c, d, e, f, g, h ...), que são usadas para representar proposições. Já os conectivos, ou

*operadores lógicos, são termos ou palavras que se aplicam a proposições para gerar outras proposições. Na lógica proposicional, temos cinco operadores frásicos:*

- a **negação** ( $\neg$ ), utilizado para inverter o valor de verdade;
- a **conjunção** ( $\wedge$ ), que serve para unir sentença simples numa composição ligada por “e”;
- a **disjunção** ( $\vee$ ), que serve para unir sentenças simples numa composição ligada por “ou”;
- a **condicional** ( $\Rightarrow$ ), que conectam proposições do tipo “se ... então”;
- a **bi-condicional** ( $\Leftrightarrow$ ), que conecta sentenças por meio da expressão “se, e somente se”.

*De posse dessas simples informações, não demorará muito para constatarmos que, considerando o enunciado das questões, o que lá encontramos é duas proposições simples ligadas pelo conectivo lógico da disjunção. Assim, simbolizando a proposição “Brasília é a capital do Brasil” por “p”, e a proposição “Lima é a capital do Peru” por “q”, o correto símbolo do cálculo proposicional relativo à proposição é “p  $\vee$  q”. Por conseguinte:*

- A opção (a) é incorreta porque utiliza o conectivo da conjunção, quando, na verdade, a proposição a ser simbolizada é uma disjunção.
- A opção (c) é incorreta porque não há qualquer negação na proposição a ser simbolizada.
- A opção (d) é incorreta porque utiliza o conectivo da condicional, quando, na verdade, a proposição a ser simbolizada é uma disjunção.
- A opção (e) é incorreta porque utiliza o conectivo da bi-condicional, quando, na verdade, a proposição a ser simbolizada é uma disjunção.

## Ampliando a reflexão

Confira as seguintes indicações:

- a resposta às questões 13 e 14, sobre lógica proposicional, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão**: o Enade 2005 de Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206\\_9483061126544c0598e8885267b01534.pdf](https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_9483061126544c0598e8885267b01534.pdf)

- a resposta às questões 33 e 34, sobre lógica proposicional, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão**: o Enade 2008 de Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206\\_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf](https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf)

- a resposta à questão 10, sobre lógica proposicional, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão**: o Enade 2011 de Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

**Link de acesso:**

[https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206\\_357818c8e4664699938b09662177ffd7.pdf](https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_357818c8e4664699938b09662177ffd7.pdf)



## QUESTÃO 34

Mas, como princípio de individualização é a matéria, disto talvez parecesse decorrer que a essência, que abarca em si simultaneamente a matéria e a forma, seja apenas particular e não universal. Do que decorreria que os universais não teriam definição, se a essência é aquilo que é significado pela definição. Por isso, cumpre saber que a matéria é princípio de individuação, não tomada de qualquer maneira, mas apenas a matéria assinalada. Denomino matéria assinalada a que é considerada sob dimensões determinadas. Esta matéria, no entanto, não é posta na definição do homem na medida em que é homem, mas seria posta na definição de Sócrates se Sócrates tivesse definição. A matéria não assinalada é posta, no entanto, na definição do homem. De fato, não se põe na definição do homem esta carne e este osso, mas carne e osso de maneira absoluta, os quais são a matéria não assinalada do homem.

AQUINO, T. de. **O ente e a Essência**.

Trad. de Carlos Arthur do Nascimento.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 (adaptado).

Acerca do princípio de individuação, conforme a teoria de Tomás de Aquino, avalie as afirmações a seguir.

- I. Sócrates e a definição de homem são equivalentes, em função da matéria não assinalada.
- II. A definição de homem não admite matéria assinalada, pois, como definição, não comporta matéria.
- III. A matéria assinalada em dimensões determinadas é condição necessária para a individuação.

IV. Os universais têm essência, a saber, a forma e a matéria não assinaladas, assim não podem ser somente nomes aplicados a muitos.

É correto apenas o que se afirma em

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) III e IV.**
- d) I, II e IV.
- e) I, III e IV.

\*\_\*\_\*\_\*\_\*

**Resposta comentada:**

*A resposta correta desta questão é a opção (c), pois, somente o que nos é dito nas afirmações III e IV é que é correto. Vejamos o porquê.*

*A questão trata de um dos temas mais caro à filosofia, a saber, a metafísica tomista. Mais especificamente, a questão trata do princípio da individuação. No tomismo, esse princípio tenta explicar a distinção entre os indivíduos que partilha de uma mesma espécie. Refere-se, portanto, ao que torna cada indivíduo de uma mesma espécie único e particular, mesmo que todos compartilhem da mesma essência.*

*Fortemente influenciado pela tradição aristotélica, São Tomás defende a ideia de que o princípio de individualização é a matéria; contudo, convém notar que, para ele, a individuação não consiste apenas de meras diferenças físicas ou materiais entre os indivíduos, mas está diretamente relacionada à própria noção de substância que, segundo o aquinate, é o que confere a existência particular e individual de cada ser.*

*Assim apresentada, essa concepção de individuação poderia excluir toda e qualquer existência de universais, uma vez que poderia levar alguém*

*a pensar que, por ser composta simultaneamente de matéria e a forma, a essência seja apenas particular, e não universal. Nesse sentido, os universais não teriam qualquer definição, caso a essência seja de fato aquilo que é significado pela definição. Ciente dessa possibilidade, São Tomás qualifica a matéria que caracteriza o princípio de individuação como sendo uma matéria não tomada de qualquer maneira, mas apenas a matéria assinalada.*

*Por “matéria assinalada”, ele considera aquela matéria que está sob dimensões determinadas. Por exemplo, esta matéria não seria posta na definição do homem na medida em que é homem, mas seria uma condição necessária na definição de Sócrates, se Sócrates tivesse definição. A matéria não assinalada, isto é, sem qualquer especificação, seria posta, no entanto, na definição do homem.*

*Sendo mais específico, não se põe na definição do homem “esta carne e este osso”, de modo específico, mas coloca-se “carne e osso” de maneira absoluta, os quais são a matéria não assinalada do homem. A ideia de matéria assinalada também implica dizer que os universais existem, que eles têm essência, a saber, a forma e a matéria não assinaladas, e, desse modo, não podem ser considerados somente como nomes aplicados a muitos.*

*Sendo assim, a resposta da questão é a letra (c), pois, somente o que nos é dito nas afirmações “III. A matéria assinalada em dimensões determinadas é condição necessária para a individuação” e “IV. Os universais têm essência, a saber, a forma e a matéria não assinaladas, assim não podem ser somente nomes aplicados a muitos” é que é correto. Por conseguinte:*

- As opções (a) e (d) são incorretas porque admitem que as asserções I e II são verdadeiras, quando, na verdade, elas são falsas. A asserção I é falsa porque Sócrates e a definição de homem não são equivalentes, qualquer que seja o caso; e a asserção

*II é falsa porque, apesar de a definição de homem não admitir matéria assinalada, toda definição comporta matéria, uma vez que é o sínolo que é definido.*

- A opção (b) é incorreta porque admite que a asserção II é verdadeira quando, na verdade, ela é falsa, pois, apesar de a definição de homem não admitir matéria assinalada, toda definição comporta matéria, uma vez que é o sínolo que é definido.
- A opção (e) é incorreta porque Sócrates e a definição de homem não são equivalentes, qualquer que seja o caso.

\* \_ \* \_ \*

### **Ampliando a reflexão**

*Confira o seguinte texto:*

- a resposta à questão 12, sobre a metafísica aristotélica, em: ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão**: o Enade 2017 de Filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2023.

**Link de acesso:**

<https://www.editorafi.org/ebook/a048-filosofia-questao>

## QUESTÃO 35

A toda ação pertence o esquecimento: assim como pertence à vida de todo organismo não somente a luz, mas também a escuridão. Um homem que sentisse tudo unicamente de forma histórica seria parecido com alguém que tivesse abdicado do sono, ou com o animal que devesse viver apenas em repetitiva ruminação. Portanto, é possível viver, e até mesmo viver feliz, quase sem lembranças, como mostra o animal; mas é totalmente impossível viver sem o esquecimento.

NIETZSCHE, F. **Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida.** Trad. de André Itaparica.

São Paulo: Hedra, 2014, p. 36 (adaptado).

A partir das informações apresentadas no texto, é correto afirmar que Nietzsche considera que a cultura moderna deve

- a) procurar as formas mais diversas de recordação do passado, buscando alcançar uma ciência histórica plena e totalizante.
- b) saber esquecer para poder recordar o passado, pois a história mais útil para a vida é a que incorpora em si o esquecimento.**
- c) fugir da luz que cega e buscar a escuridão do sono que traz o descanso necessário para a meditação e a reflexão.
- d) esquecer o passado como forma de atingir a felicidade, pois a recordação de fatos ruins impede o conhecimento da verdade.
- e) procurar acercar-se da vida animal, considerado o ser mais feliz da criação por viver apenas no presente, em seu ato de ruminação.

**Resposta comentada:**

*A resposta correta para esta questão é a opção (b), considerando que a posição sui generis de Nietzsche é que o esquecimento faz parte da vida humana tanto quando o lembrar; ele é útil para a vida e, sem ele, não haveria conhecimento, porque também não haveria lembrança.*

*De acordo com Nietzsche, o homem sente uma certa inveja do animal, que não sabe o que significa nem ontem nem hoje, ou o que é melancolia e tristeza. E o que o homem inveja no animal é exatamente essa felicidade de viver sem sofrimento nem tristeza. Ele admira isso; está sempre a querer viver como o animal. Mas o homem tem um passado, está preso a seu passado. Seu passado o acompanha como um fantasma a perturbar sua paz, e ele está sempre se esforçando para dar uma resposta a este passado, apaziguá-lo, acomodá-lo de alguma maneira.*

*A relação dramática do homem com seu passado está sempre se traduzindo no seu perene lembrar. O homem é um animal que lembra; e esta bênção, muitas vezes, se torna também uma maldição. Porque se lembra, o homem é ser histórico, está sempre a narrar o passado e a produzir conhecimento. O animal vive de maneira a-histórica, mas o homem vive historicamente; ele arrasta seu passado como uma carga da qual não pode se desfazer. Ele se lembra do que passou e, por se lembrar, está sempre a perceber que a existência é uma eterna incompletude, um fluxo de ter sido.*

*Desse modo, insiste Nietzsche, é preciso dar vazão à faculdade de esquecer, a fim de amenizar as cadeias do passado e viver o presente, sentir as coisas em plenitude, fora de qualquer perspectiva histórica. Assim, toda ação exige esquecimento, exige estabelecer um limite para que o passado não se torne um carrasco para o presente. Por isso, no seu entender, pode até ser possível viver com lembrança, mas é impossível viver sem esquecimento; e viver o esquecimento é buscar desenvolver-se de modo original e*

*independente construindo sua história de modo autêntico. O resultado que tudo isso põe em evidência é que o ser histórico e o ser a-histórico são necessários à saúde e à realização de um indivíduo e também do povo.*

*Por conseguinte:*

- a opção (a) é incorreta, uma vez que ela propõe o oposto daquilo que Nietzsche defende, ou seja, que o homem deve procurar as formas mais diversas de recordação do passado, buscando alcançar uma ciência histórica plena e totalizante;
- a opção (c) é incorreta, porque ela propõe uma atitude de fuga estranha às considerações de Nietzsche, a fim de obter descanso, meditação e reflexão necessários;
- a opção (d) é incorreta, visto que também assume o esquecimento como uma forma de fuga dos fatos ruins passados, sempre a impedir o conhecimento da verdade, e não como condição natural para construir plenamente o presente;
- a opção (e) também é incorreta, pois Nietzsche assume que o homem tem uma certa inveja do animal pela sua capacidade de viver o presente integralmente, mas não porque o considere o ser mais feliz da criação, nem pelo seu ato de ruminção.

\*\_\*\_\*\_\*

### **Ampliando a reflexão**

Confira a seguinte publicação: “Memória e Esquecimento em Nietzsche: Um Estudo Antropológico”, de Sérgio Rodrigues de Souza.

**Link de acesso:**

<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/646376>



## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. 6. ed. Trad. de António Borges, Franco de Souza e Manuel Patrício. Lisboa: Editora Presença, 1999. ISBN 972-23-2505-1. (12 Volumes).
- ALENCAR, H. **A filosofia em cordel**. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/3248923>. Acesso em: 28 maio 2020.
- AQUINO, T. de. **O ente e a Essência**. Trad. de Carlos Arthur do Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. Brasília: UnB, 2001.
- ARISTÓTELES. **Física I e II**. Campinas: Unicamp, 2009.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional (Casa da Moeda). 1990. (Série Universitária Clássicos de Filosofia).
- ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **A Filosofia em Questão: o Enade 2008 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. (Link de acesso: [https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_271e1f1028b645a2a5f2bc6b86f4e9ff.pdf)).
- ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **A Filosofia em Questão: o Enade 2005 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. (Link de acesso: [https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_9483061126544c0598e8885267b01534.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_9483061126544c0598e8885267b01534.pdf)).
- ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **A Filosofia em Questão: o Enade 2014 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017. (Link de acesso: [https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_d71205222a8a41879ffa78728b3561e6.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_d71205222a8a41879ffa78728b3561e6.pdf)).

ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **A Filosofia em Questão: o Enade 2011 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. (Link de acesso: [https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_357818c8e4664699938b09662177ffd7.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_357818c8e4664699938b09662177ffd7.pdf)).

ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Filosofia em Questão: o Enade 2017 de Filosofia**. Porto Alegre: Editora Fi, 2023. (Link de acesso: <https://www.editorafi.org/ebook/a048-filosofia-questao>).

BAZZO, W. A. **Ciência, Tecnologia e Sociedade: e o contexto da educação tecnológica**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

BOEHNER, P.; GILSON, E. **História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1988.

BÜRGER, P. **Teoria da vanguarda**. Trad. Ernesto Sampaio. Lisboa: Vega, 1993.

CLARK, Gordon. **De Tales a Dewey: uma história da filosofia**. Trad. de Wadislau Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. ISBN 978-85-7622-420-4.

COPI, I. **Introdução à lógica**. 3. ed. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

DELEUZE, G, GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34.

DESCARTES, R. **Descartes: Obras Escolhidas**. Trad. de J. Guinsburg et al. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DURANT, Will. **A história da filosofia**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.

FERRY, Luc. **Kant: uma leitura das três críticas**. Trad. de Karina Jannini. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

GENSLER, Harry J. **Introdução à lógica**. São Paulo: Paulus, 2016.

GILSON, E. **A filosofia na idade média**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GOMES, R. **Crítica da Razão Tupiniquim**. 10. ed. São Paulo: FTD, 1994.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

- HEGEL, G. W. F. **A Razão na História: uma introdução geral à filosofia da história**. 2. ed. Introdução de Robert S. Hartman. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2001
- HUME, D. Sobre a Tragédia. Trad. de Marcio Suzuki e Pedro Pimenta. In: PIMENTA, P. (Org.) **A arte de escrever ensaio e outros ensaios**. São Paulo: Iluminuras, 2011. 163-171.
- HUME, D. **Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais**. Trad. de Débora Danowski. 2.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP 2009.
- KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. 5. ed. Trad. de Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- KENNY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental**. 2. ed. Trad. de Carlos Alberto Bárbaro. São Paulo: Edições Loyola, 2008. ISBN 978-85-15035267. (4 volumes)
- KIERKEGAARD, S. **Temor e tremor**.. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).
- LEITE, Flamarion Tavares. **10 lições sobre Kant**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Trad. de Anoar Aiex e Jacy Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1991. (Os pensadores))
- MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos à Wittgenstein**. São Paulo: Jorge Zahar, 2010. ISBN 8571104050.
- MBEMBE, A. Afropolitanismo. **Áskesis**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2015, p. 68 – 71.
- MORTARI, C. A. **Introdução à lógica**. São Paulo: Unesp, 2001.
- NIETZSCHE, F. **Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida**. Trad. de André Itaparica. São Paulo: Hedra, 2014.
- PASCAL, B. **Pensamentos**. Trad. de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PASCAL, G. **O pensamento de Kant**. Trad. de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2003.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**. 2. ed. Trad. de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2008. ISBN 978-85-349-2431-3. (7 volumes).

ROUSSEAU, J. J (1753). **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action&co\\_obra=2284](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=2284)

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Trad. Maria das Graças de Souza. Brasília: UnB, 2020.

RUSSELL, Bertrand. **História da filosofia ocidental**. Trad. de Hugo Langone. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (3 volumes)

SCHILLER, F. **A educação estética da humanidade**. Trad. de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1989.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Descartes, a metafísica da modernidade**. São Paulo: Moderna, 2005.

SINGER, P. **Ética prática**. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SPEER, A. Boaventura: A certeza do conhecimento. In: KOBUSCH, T. (org.). **Filosofia na Idade Média**. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

## **INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES**

### **Gerson Francisco de Arruda Júnior**

Doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Atualmente, é professor de filosofia na Universidade do Estado do Amapá (UEAP), onde também coordena o Curso de Licenciatura em Filosofia.

### **José Marcos Gomes de Luna**

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (2006), graduação em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (2015), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (2009), e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018). Atualmente, é professor da Graduação e da Pós-graduação em Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco, onde também é o coordenador do Curso de Filosofia.



# ÍNDICE REMISSIVO

## A

Aquino, 121  
Arendt, 17, 18, 19, 66  
Aristóteles, 25, 26, 27, 28, 29, 73, 82, 83,  
84, 105, 106, 107

## B

Byung-Chul Han, 110, 112  
  
conhecimento, 11, 12, 26, 27, 55, 57, 67,  
77, 78, 79, 107, 125, 126, 127, 132

## D

DELEUZE, 91, 130  
Descartes, 11, 12, 14, 130, 132  
Deus, 11, 78, 79, 87, 89, 113, 114, 115, 116

## E

educação, 19, 37, 63, 101, 102, 103, 130,  
132  
estética, 10, 39, 43, 45, 101, 102, 103, 132  
ética, 10, 28, 39, 40, 41

## F

falácia, 71, 72, 73, 74  
fé, 78, 79, 87, 88, 89, 113, 114, 115  
filosofia contemporânea, 10, 63, 110  
filosofia medieval, 10

## G

Guattari, 92, 93

## H

Hegel, 22, 23  
história, 9, 10, 21, 22, 23, 48, 64, 65, 125,  
127, 130, 131  
Hume, 55, 56, 57, 58, 82, 83, 84, 85

## K

Kant, 67, 68, 69, 130, 131  
Kierkegaard, 87, 88, 90

## L

Locke, 12, 13, 14, 15  
lógica, 10, 72, 74, 92, 93, 117, 119, 130, 131

## M

Maquiavel, 51, 52, 53  
metafísica, 10, 13, 21, 56, 77, 122, 124, 132

## N

Nietzsche, 125, 126, 127

## P

Pascal, 114, 115  
política, 10, 18, 19, 43, 53, 93, 101, 102

## R

razão, 11, 17, 21, 22, 23, 25, 27, 55, 57, 60,  
61, 69, 78, 87, 88, 103, 113, 114, 115,  
116  
Rousseau, 35, 36, 37, 38

**S**

*São Boaventura*, 78, 79, 80

Schiller, 101, 102, 103

Singer, 39, 40, 41

**U**

universais, 121, 122, 123



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



**[www.editorafi.org](http://www.editorafi.org)**  
[contato@editorafi.org](mailto:contato@editorafi.org)

É com muito prazer que apresentamos mais um volume do material de apoio didático-pedagógico da nossa coleção *Filosofia em Questão*. Dada a natureza do conteúdo aqui exposto, o presente texto, portanto, é destinado, prioritariamente, mas não exclusivamente, aos discentes e docentes dos cursos de Filosofia. De modo mais específico, neste volume tratamos da resolução das 35 questões específicas do Enade de Filosofia de 2021. O texto apresenta respostas às questões desta edição do Enade, que procura contemplar os conteúdos curriculares exigidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino de filosofia no nível superior.



9 786552 720238

editora *fi*.org

